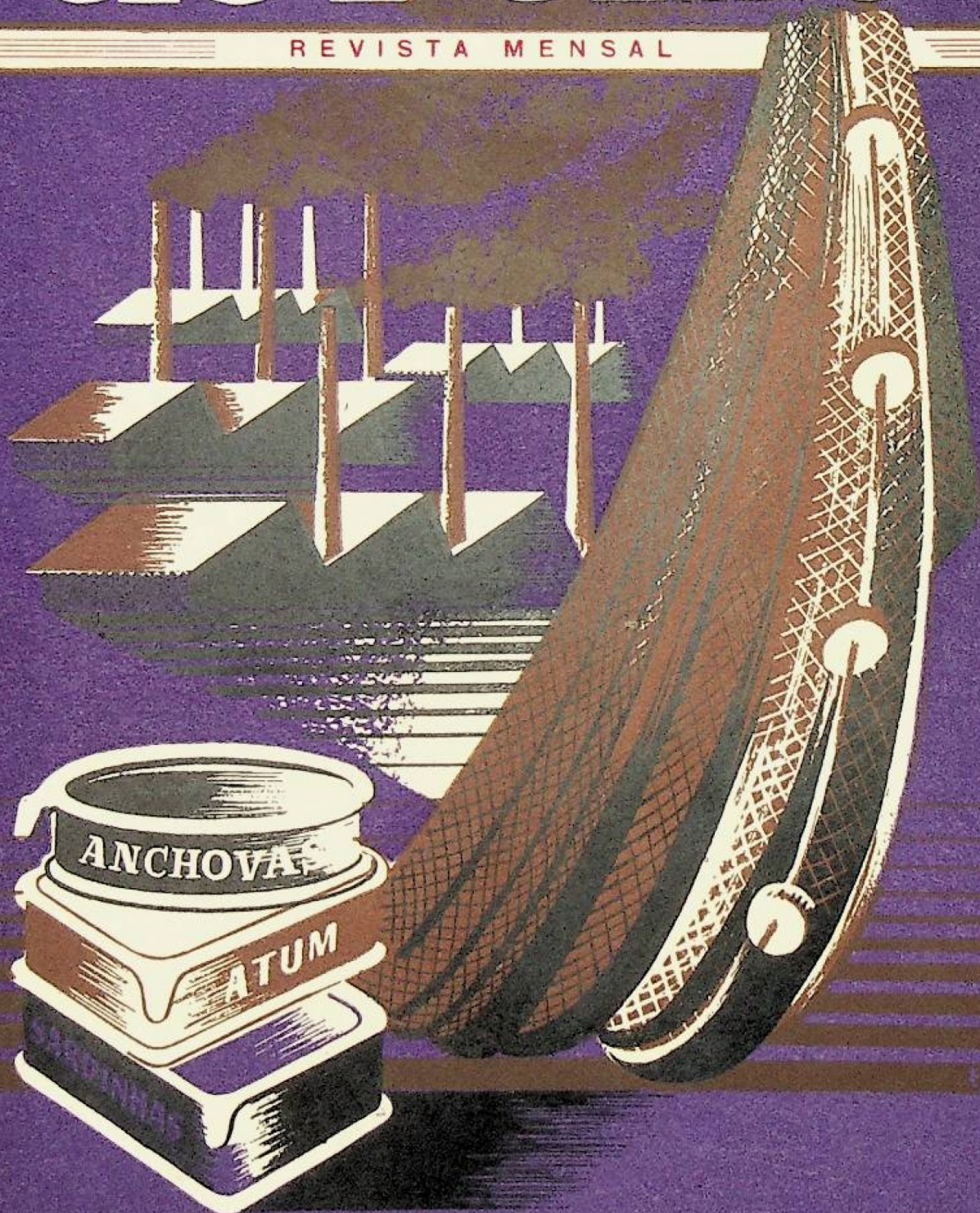


Conservas de Peixe

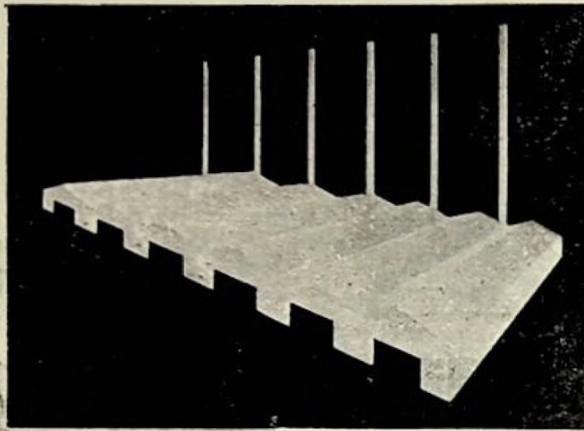
REVISTA MENSAL



ANO II
1947

Nº 17
AGOSTO

ALGARVE EXPORTADOR, L.^{DA}



SIÈGE
À
LISBONNE



6 MARQUES PRINCIPALES

NICE
NICETTE
CINE
CORAL
TRIADE

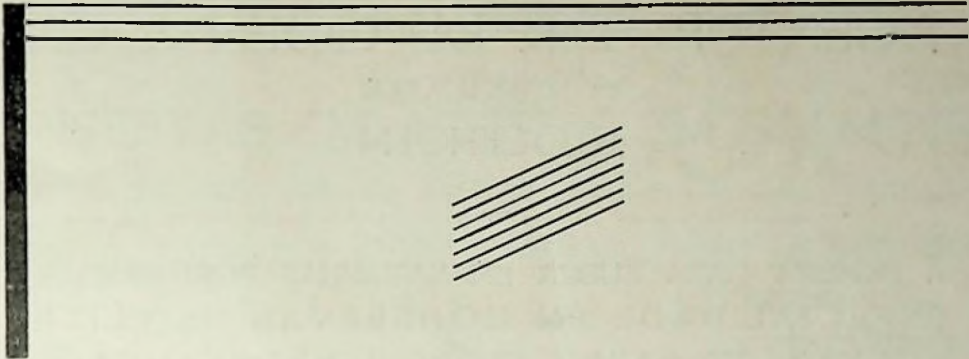
RENOMÉE MONDIALE



6 GRANDES USINES AU PORTUGAL

LISBOA • SETÚBAL • LAGOS • PENICHE • NAZARÉ • MATOZINHOS

CONSERVES DE SARDINES À L'HUILE • CONSERVES DE SARDINES À L'HUILE • CONSERVES DE SARDINES À L'HUILE • CONSERVES DE SARDINES À L'HUILE



RESERVADO
PARA

SCHWARZ & EHRlich

AGENTES DE IMPORTAÇÃO

●
100 HUDSON STREET
NEW YORK 13, N. Y.

●
Endereço Telegráfico: SARDIPORT

AGENTUR A. B. DE COEN & C.º

23 NYBROGATAN
STOCKHOLM

A PRIMEIRA CASA SUECA EM SARDINHAS PORTUGUESAS
ESPECIALIDADE EM CONSERVAS DE PEIXE
AGENTES DE FABRICANTES // IMPORTADORES

TELEG. — DE COEN

PATENTE DE INVENÇÃO

Nº 20058



Os topos direitos nas nossas
latas embutidas garantem a abertura



**SOCIEDADE INDUSTRIAL
SETUBALENSE, L.ª**

AVENIDA TODI — SETUBAL

Sardinha do Algarve, L.ª

FABRICANTES E EXPORTADORES

CONSERVAS DE PEIXE
em azeite e em salmoira

Fabricações especiais em
azeite na marca MARGARET
Sardinhas sem espinha
Sardinha sem pele nem espinha

FILETES DE ANCHOVAS

Endereço Telegráfico: «Sardinha» / Telefone 25

OLHÃO — PORTUGAL

SAIAS, IRMÃOS & C.^A L.^{DA}

FABRICANTES - EXPORTADORES

CONSERVAS EM AZEITE E EM SALMOIRA

Sardinhas, Cavalas, Atum, Filetes e Pasta de Anchovas, etc.

Marcas: Olympique, Sonita, Saias, Alda Esther, Sonia

Códigos:

Rudolf Mosse
Rudolf Mosse Suppl.
Bentley's
Ribeiro
Privados

Telefone 47

End. Teleg. «Saias»



OLHÃO - PORTUGAL

ALIANÇA EXPORTADORA, L.^{DA}

TELEGRAMAS ALIANE

APARTADO 263-LISBOA



“ALIANE”

MARCA REGISTRADA

EXPORTADORES
DE

CONSERVAS DE PEIXE,
CONSERVAS DE TOMATE,
E OUTROS FRUTOS,
FRUTOS SÊCOS,
ETC.



IMPORTADORES
DE

MATÉRIAS PRIMAS
E MAQUINISMOS
PARA A INDÚSTRIA
DE CONSERVAS,
ETC.

Forbes de Bessa & C.^a L.^{da}

FÁBRICA DE CONSERVAS

RECORD

TELEF. 355
TELEG. RECORD
APARTADO 35

Rua Mouzinho de Albuquerque, 673
MATOSINHOS

MARCAS:

Forbes — Record — Ramos
Radar — Romeu e Julieta — Una

ACIL

Agência Comercial e Industrial, Lda.

IMPORT. — EXPORT.
COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

PRAÇA DA RIBEIRA NOVA, 6-2.º

LISBOA - PORTUGAL

TELEF. 27677 — TELEG. ACILDA

Importadores e Distribuidores de Matérias
Primas para a Indústria de Conservas
Óleo de Mendobi e Azeite de Oliveira,
Folha de Flandres, Inglesa e Americana,
Arames, Arcos para Caixas, etc.

ARMAZÉNS EM:

**MATOSINHOS - SETÚBAL
PORTIMÃO - OLHÃO**

End. Teleg. Lithographia

Telefone P. B. X 15

Estabelecimentos Litográficos

Ramirez, Perez, Cumbreira & C.^a

CASA FUNDADA EM 1890

Séde: Vila Real de Santo António (PORTUGAL)

Litografia sobre folha de flandres

Latoaria Mecanica (vazio)

Fabrica de Chaves

Fabrica de Pregos

Materiais para a industria de conservas

SUCURSAIS: OLHÃO, PORTIMÃO, SETUBAL (PORTUGAL)
AYAMONTE (ESPAÑA)

Severo Ramos, Ltd.

PORTIMÃO
PORTUGAL

Fabricants — Exportateurs

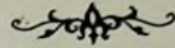
De Conserves de Sardines, Anchois
et Filets de Maquereaux

MARQUES DÉPOSÉES

Splendour — Marco Polo
— Rosebelle — Exquisite

Télégramme "SEVERO" Portimão
phone 22-23

EMPRESA EXPORTADORA LUSITANIA, L.^{DA}

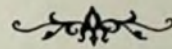


CONSERVAS DE PEIXE

*Sardinhas, Atum, Filetes
de Cavalas, Anchovas*

Marcas:

ODEON-TIVOLI
PACIFIC-SEABELLE



Telegrafo
LUSITANIA

Correspondencia
APARTADO, 100

Telefone
272

S E T Ú B A L

Sociedade de Conservas A UNIVERSAL, L.^{DA}

FABRICANTES E EXPORTADORES

R. D. João I, 271 a 309 — R. Mousinho de Albuquerque, 274 a 314

Apartado, 23

Endereço telegráfico: UNIVERSAL

Telefone, 98-M

MATOSINHOS

PORTUGAL

Prefiram as Conservas desta Fábrica



USINE SUR LIEU DE PÊCHE

Produits de Choix

Sardinhas portugaises

à l'huile d'olive et à la tomate

Marques déposées:

L'UNIVERSELLE

UNIVERSAL

ROSÁLIA

ORBELA

ZÉLIA

MINDELO

ATRAENTE

GUIDA

LUTADORA

Marcas: Prado, Faina, Farnel e Merenda

Conservas Prado, L. da
FÁBRICA DE CONSERVAS DE PEIXE

Rua de Brito Capelo, 1165
Telefone, 327-M Telegramas: "PRADO" Apartado 27
M A T O Z I N H O S



**E DE SE LHE
TIRAR O CHAPEU**

**VENTRESCA
RAMIREZ**

POR GROSSO:
RAMIREZ & C. L.
R. AUGUSTA, 27, 2.
LISBOA - TEL. 2 3620

GASPAR CARMO & IRMÃO
R. BONJARDIM, 524, 1.
PORTO - TEL. 606

TELEPHONES
MANSION HOUSE 2205-6-7
TELEGRAMS
AFFABLE, LONDON

H & T. Walker Ltd

FUNDADA EM 1876

37, EASTCHEAP
LONDON, E. C. 3

IMPORTAÇÃO:

Conservas de sardinhas e outros peixes
Conservas de frutos e legumes
Frutos secos e todos os diferentes produtos alimentícios

EXPORTAÇÃO:

Matérias primas e máquinas para fábricas
Todas as espécies de produtos Britânicos

ANO II

N.º 17



Conservas de Peixe

AGOSTO

1947

REVISTA MENSAL

Director: JOSÉ ANTÓNIO FERREIRA BARBOSA

Editor e Proprietário: J. AGOSTINHO FERNANDES

Composição e impressão: SOCIEDADE ASTÓRIA, LDA.—Regueirão dos Anjos, 68—LISBOA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Av. Marquês de Tomar, 14-3.º-Tel. 53138-LISBOA

Sumário

Salvação ou Suicídio ; Produção e Exportação ; Production and Exportation ; Vitaminologia das Conservas de Peixe ; A organização científica do trabalho ; A pesca do Atum ; Matérias Primas ; A boa doutrina ; Pelo Estrangeiro ; O aproveitamento da pesca ; Mercados (América do Norte) ; Pedidos de Representação ; Cooperação Construtiva ; II Congresso Nacional de Pesca ; Pesca do carapau e biqueirão ; Pesca da Sardinha ; Pesca do Atum e Similares e Cavala.

Salvação ou suicídio

NO último número desta revista um dos seus colaboradores alvitrou que os industriais de conservas se juntassem numa reunião magna para examinarem os graves problemas que afectam a sua indústria e levassem as suas sugestões ao Governo.

A indústria corticeira, atingida pelos mesmos males que ferem a das conservas, apressou-se já a reunir e a apresentar ao Governo as medidas que considera indispensáveis para enfrentar a situação. Esta, quanto à indústria conserveira, é, sem exageros nem pessimismos doentios, bastante crítica, talvez a mais crítica que ela tem atravessado desde a sua já bem longa existência, não só pelas dificuldades por que está passando como também, e sobretudo, pelas ameaças catastróficas que se desenham no futuro.

Quando em 1931, após a hecatombe da baixa dos preços nas conservas, provocada pelos próprios exportadores, que deu ao comprador estrangeiro a impressão d'um «dumping», se reconheceu a necessidade imperiosa da organização da indústria, os mercados estavam aber-

tos e absorviam com facilidade a nossa produção, havia abundância de matérias primas e a sua aquisição era fácil.

Hoje, à desordem dos mercados externos e à concorrência desvairada no preço, que o Doutor Oliveira Salazar verberou no seu Estudo publicado em 1931, temo: que lhes juntar a perda, por um periodo indefinido, de alguns dos nossos principais mercados, o encerramento, a longo prazo, de outros, a impossibilidade de obter as matérias primas nas quantidades e preços convenientes, e os encargos pesados dos contratos colectivos de trabalho. E o quadro torna-se mais sombrio e as perspectivas mais desanimadoras, quando verificamos que os países nossos tradicionais compradores introduzem a proibição da importação das conservas portuguesas nos seus planos quinquenais como uma medida de salvação nacional. É o caso da Inglaterra que fechou abruptamente as portas à entrada dos nossos produtos com o pretexto de que Portugal é um país de moeda forte.

A questão, tal qual ela se apresenta hoje, transcende,

quanto à sua solução, as possibilidades do organismo coordenador cuja Direcção, é de justiça que se diga, tem empenhado os seus melhores esforços junto das entidades superiores para as esclarecer sobre as dificuldades actuais e para que anulem e reduzam alguns dos encargos que sobrecarregam a indústria.

Só o Governo tem capacidade e meios para atacar eficazmente o problema, tomando uma série de medidas, de ordem interna e externa, que aliviem a tensão explosiva que se vai formando no corpo da indústria.

Entre as primeiras, apontaremos uma larga operação de crédito a utilizar nos moldes da «warrantagem», mas de percentagens mais amplas, que permita aos industriais manterem a laboração das suas fábricas, aguardando, sem desvairamentos, uma melhor oportunidade de vendas. A revisão dos preços do azeite e do óleo para voltarem aos níveis do ano passado, enquanto não puderem baixar mais, a anulação dos direitos de exportação da conserva e a redução da carga tributária, devem, também, fazer parte deste conjunto de medidas.

Entre as segundas, impõe-se, com a maior urgência, a necessidade de se fazerem diligências diplomáticas junto dos Governos estrangeiros, para que facilitem a importação dos nossos principais produtos de exportação e se concluam acordos comerciais de vantagem mútua. Para a efectivação destas últimas medidas, estamos numa posição excepcionalmente favorecida. Não deve ser difícil a um país, como o nosso, que importa duas vezes mais do que exporta, conseguir que os países donde se abastece lhe comprem também os seus produtos. E para aqueles que não tenham divisas com que pagar as suas compras mas que disponham de mercadorias que nos interesse importar, a venda dos nossos produtos poderá sempre fazer-se em regime de compensação.

O equilíbrio económico mundial, através das relações comerciais entre as Nações, só poderá realizar-se à base da permuta das respectivas produções exportáveis. Pretender, como parece depreender-se da orientação de certos Governos, que o mundo se divida em países que só exportam e países que só importam, seria o caos.

Para aquilarmos o que esta política de restrições representa já de prejuízos para a nossa indústria de conservas, basta compararmos a produção e a exportação do 1.º semestre deste ano com as do mesmo semestre no ano passado. Em 1946 produzimos, neste período de tempo, 651.989 caixas e exportámos 1.417.456 caixas. Em 1947, fabricámos e exportámos, respectivamente, 436.374 e 793.091 caixas. Quer dizer, o 1.º semestre deste ano acusa um «déficit», em relação ao do ano anterior, de 215.615 caixas na produção e 624.365 caixas na exportação. Este último número é demasiadamente significativo para que nos não cause sérias apreensões.

Tem-se criado em volta da indústria das conservas uma ideia errada acerca dos lucros que auferiu durante os anos de guerra. Em primeiro lugar, há que recordar que a indústria antes da guerra estava à beira da ruína e que uma grande parte daqueles lucros serviram para tapar as brechas existentes e repôr a situação no sã. Depois, é preciso também não esquecer que o Estado, por meio das suas medidas tributárias, participou, em larga escala, na arrecadação desses lucros. E que, ainda, cada empresa aplicou muitas centenas de contos na modernização das suas fábricas e que os encargos sociais têm vindo a reduzir, e muito, esses lucros excepcionais. O resto que ficou, em moeda desvalorizada, chegará, talvez, para repôr nas mesmas quantidades, aos preços actuais, os «stocks» de conservas e de matérias primas que existiam nas fábricas antes da guerra.

A indústria encontra-se hoje no mesmo declive em que estava nos períodos graves de 1914, 1931 e 1939 e que a levará rapidamente de novo à ruína.

Ainda é tempo dos industriais reconhecerem que só na união de todos e na colaboração inteligente e leal com os seus organismos dirigentes, poderão encontrar os benefícios que cada um deseja para si.

O individualismo, morreu! É esta a grande lição que a última guerra ensinou ao mundo.

Se os industriais de conserva não a souberem ou não a quiserem compreender, marcharão sem remissão para o suicídio.

ADÃO POLÓNIA & C. L. DA



FABRICAS
EM
MATOSINHOS
SETÚBAL

PORTUGAL

NOVA TÉCNICA NA FABRICAÇÃO DE CONSERVAS

Sistemas "Massó"

Canais de descabeço e evisceração com transporte e lavagem automática de grelhas.

Fornos contínuos de cozimento de sardinhas pelo ar quente.

Patentes N.º 20.618 - 20.619 - 20.874 e 22.868

VANTAGENS:

- a) economia de 15 % de mão de obra e de 40 % de sal.
- b) melhoria em qualidade e sabor do peixe, suprimindo inteiramente a sardinha mole, gretada ou partida como sucede com o cozimento pelo vapor.
- c) possibilidade de enlatamento rápido, por sair o peixe seco, rijo, facilitando a manipulação.
- d) melhor aspecto da sardinha, ainda que não tenha escamas.

Massó Hermanos S. A.

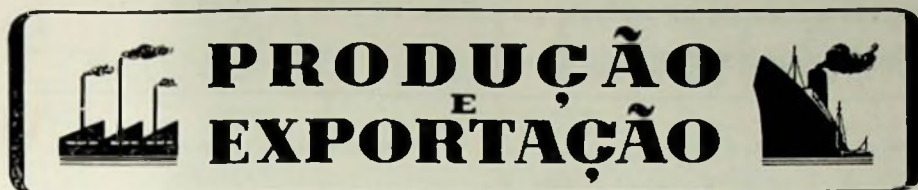
VIGO - HESPAÑA

REPRESENTANTES EM PORTUGAL:

Adão Polónia & C.ª, L.ª

MATOZINHOS





Situação no mês de Abril

PRODUÇÃO

AZEITE OU MOLHOS

A produção no mês de Abril atingiu 34.568 caixas, das quais 451 caixas de atum e similares, 30.642 caixas de anchovas e 3.475 de outras espécies. O fabrico que mais avulta é o de filetes de anchovas.

Olhão, com 9.383 caixas, foi o Centro que mais produziu, seguido de Setúbal com 7.361 caixas e de Portimão com 6.366 caixas.

Em relação à produção do mês de Março último verifica-se, em Abril, um pequeno aumento de 3.468 caixas, mas há uma diminuição de 10.317 caixas em comparação com a produção de Abril do ano findo.

SALMOURA

Produziram-se neste mês 51.580 quilos, assim distribuídos: sardinha, 15.954 quilos; biqueirão, 17.651 quilos; cavala, 2.050 quilos e outras espécies, 15.925 quilos.

Olhão produziu 29.644 quilos, sendo 2.050 de sardinha, 9.919 de biqueirão, 2.050 de cavala e 15.625 de outras espécies. Seguiu-se-lhe Matosinhos com 7.140 quilos, 6.840 de sardinha e 300 de outras espécies. Em terceiro lugar figura Vila Real de Santo António que fabricou 6.824 quilos, dos quais 4.574 de sardinha e 2.250 de biqueirão.

No mês anterior fabricaram-se menos 32.280 quilos e em igual mês de Abril do ano passado, menos 43.590 quilos.

EXPORTAÇÃO

Por Centros

AZEITE OU MOLHOS

A exportação neste mês foi de 2.187.581 quilos (131.436 caixas) no valor de 27.691.112\$15, distribuída pelas seguintes espécies: sardinha, 1.682.582 quilos (87.943 caixas) no valor de 19.349.963\$00; carapau, 1.045 quilos (55 caixas) no valor de 7.785\$25; cavala, 1.645 (84 caixas) no valor de 22.701\$00; atum e similares, 50.026 quilos (1.515 caixas) no valor de 815.423\$80; anchovas, 328.765 quilos (34.907 caixas) no valor de 6.575.300\$00; lulas e chocos, 6.802 quilos (361 caixas) no valor de 50.674\$90 e outras espécies, 116.716 quilos (6.571 caixas) no valor de 869.543\$20.

Matosinhos ocupa o 1.º lugar nesta exportação de Abril com 884.765 quilos (47.162 caixas) no valor de 10.354.656\$20. Está em 2.º lugar Olhão, que exportou 536.804 quilos (37.548 caixas) no valor de 7.279.579\$45, e em 3.º lugar Portimão, com 245.687 quilos (12.938 caixas) no valor de 2.825.400\$50.

Em comparação com a exportação do mês de Março, a de Abril foi inferior em 52.896 quilos (4.817 caixas) no valor de 769.996\$90, e em relação à de Abril de 1946, foi inferior em 7.542.239 quilos (375.950 caixas) no valor de 88.561.192\$65.

SALMOURA

Exportaram-se 1.154.712 quilos no valor de 3.572.728\$00, divididos pelas seguintes espécies: sardinha, 1.018.972 quilos; cavala, 58.764 quilos, não especificados, 76.976 quilos. O principal centro exporta-

dor foi Matosinhos com 281.040 quilos no valor de 843.120\$00.

Esta exportação foi sensivelmente superior à do mês de Março (mais 1.092.556 quilos no valor de 3.385.603\$20) e à de Abril de 1946 (mais 896.132 quilos no valor de 2.759.390\$00).

CONGELADOS

Esta exportação foi de 46.400 quilos no valor de 290.000\$00, dividida pelas seguintes espécies: sardinha, 8.340; enguia, 20; cavala, 10; polvo, 24.680; chocos e lulas, 13.150.

Lisboa foi o único centro exportador, e o principal país importador, a Argentina, com 40.000 quilos.

Por Países

AZEITE OU MOLHOS

Os três países que mais importaram, foram a Holanda (979.037 quilos), a Inglaterra (426.422 quilos) e a Bélgica (234.821 quilos).

Em relação às espécies, o principal comprador da sardinha foi a Holanda (978.983 quilos); do carapau, a Bélgica (1.045 quilos); da cavala, a Áustria (760 quilos); do atum e similares, os E. U. da América (43.044 quilos); das anchovas e antipasto, a Inglaterra (respectivamente 320.694 e 105.608 quilos); das lulas e chocos, Cuba (1.770) quilos.

No mês de Março, os três países maiores compradores foram a Bélgica (1.040.932 quilos), a Inglaterra (344.888 quilos) e a Holanda (192.755 quilos), e em Abril do ano passado, a Inglaterra (4.737.287 quilos), a França (1.897.956 quilos) e a Bélgica (1.621.722 quilos).

SALMOURA

O principal país importador foi a Itália com 1.056.420 quilos no valor de 3.277.840\$00. Em Março tinha sido a Argentina com 29.376 quilos no valor de 88.128\$00, e em Abril do ano anterior, a Grécia, com 172.015 quilos no valor de 436.687\$00.

Produção, por centros, de conservas em azeite ou mólhos, em caixas, no mês de Abril de 1947

April Canned Fish Pack (in cases)

	Sardinha <i>Sardine</i>	Carapau <i>Chinchard</i>	Cavala <i>Mackerel</i>	Atum e similares <i>Tuna</i>	Anchovas <i>Anchovies</i>	Outras Espécies <i>Other species</i>	Totais <i>Total</i>
Matosinhos	-	-	-	-	2.936	-	2.936
Peniche	-	-	-	108	161	-	269
Lisboa	-	-	-	-	322	(a) 2.721	3.043
Setúbal	-	-	-	-	7.004	357	7.361
Lagos	-	-	-	343	1.742	-	2.085
Portimão	-	-	-	-	6.366	-	6.366
Olhão	-	-	-	-	8.986	397	9.383
V. R. S. António	-	-	-	-	3.125	-	3.125
	-	-	-	451	30.642	3.475	34.568

(a) Pasta de Anchovas e Antipasto.

[Exportação, por centros, de conservas em azeite ou mólhos, em quilos, no mês de Abril de 1947

April Canned Fish Export (by Centers)

	Sardinha <i>Sardine</i>	Carapau <i>Chinchard</i>	Cavala <i>Mackerel</i>	Atum e similares <i>Tuna</i>	Anchovas <i>Anchovies</i>	Lulas e Chocos <i>Cuttle Fish and Squid</i>	Outras espécies <i>Other spe- cies</i>	TOTAIS <i>Total</i>		Valores • <i>Values</i>
								Quilos <i>Kilo</i>	Caixas <i>Cases</i>	
Açores	-	-	-	38.741	-	-	-	38.741	1.050	631.478\$30
Matosinhos	863.171	-	-	570	20.898	-	126	884.765	47.162	10.354.056\$20
Peniche	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Lisboa	70.862	-	554	10.688	72.115	2.074	(a) 38.250	194.543	13.960	2.739.486\$40
Setúbal	119.910	-	76	-	58.549	4.728	-	183.263	12.901	2.586.217\$40
Lagos	50.673	-	-	-	4.750	-	(b) 10.982	66.405	3.456	759.555\$40
Portimão	245.687	-	-	-	-	-	-	245.687	12.938	2.825.400\$50
Olhão	304.900	1.045	1.015	27	162.459	-	(a) 67.358	536.804	37.548	7.279.579\$45
V. R. S. António	27.379	-	-	-	9.994	-	-	37.373	2.421	514.738\$50
	1.682.582	1.045	1.645	50.026	328.765	6.802	116.716	2.187.581	131.436	27.691.112\$15

* Valores médios, estabelecidos pelo Conselho Geral do I. P. C. P. para efeito de cálculo da contribuição industrial.

(a) Anchovo.

(b) Ameijoia, Berbigão.



Production and Exportation

Situation during the month of April

PRODUCTION

OIL OR SAUCES

The production during the month of April reached 34.568 cases, embracing 451 cases of tunny and similar, 30.642 cases of anchovies and 3.475 of other kinds. The highest packing refers to anchovies fillets, Olhão reached the peak with 9.383 cases, followed by Setúbal with 7.361 cases and Portimão with 6.366 cases.

As regards the production during the month of March, last, we notice, in April, a slight increase of 3.468 cases, therefore showing a decrease of 10.317 cases compared with the production of April of last year.

BRINE

The production of this month was of 51.580 kilos, so distributed: sardines, 15.954 kilos; «biqueirão», 17.651 kilos; mackerel, 2.050 kilos and other kinds, 15.925 kilos.

Olhão produced 29.644 kilos, being 2.050 of sardines, 9.919 of «biqueirão», 2.050 of mackerel and 15.625 of other kinds. It is followed by Matosinhos with 7.140 kilos, 6.640 of sardines and 300 kilos of other kinds. Vila Real de Santo António comes in third place with 6.824 kilos, of which 4.574 of sardines and 2.250 of «biqueirão».

During the foregoing month 32.280 kilos less were packed and during same month of last year, 43.590 kilos less.

EXPORTATION

By Centres

OIL OR SAUCES

The export during this month was of 2.187.581 kilos (131.456

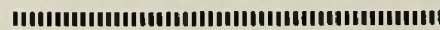
cases) amounting to 27.691.112\$15 so distributed: sardines, 1.682.582 kilos (87.943 cases) amounting to 19.349.963\$00; chinchard, 1.045 kilos (55 cases), amounting to 7.785\$25; mackerel 1.645 kilos (84 cases) amounting to 22.701\$00; tunny and similar, 50.026 kilos (1.515 cases), amounting to 815.423\$80; anchovies, 328.765 kilos (34.907 cases) amounting to 6.575.300\$00; calamaries and cuttle-fish, 6.802 kilos (361 cases) amounting to 50.674\$90 and other kinds, 116.716 kilos (6.571 cases) amounting to 869.543\$20.

Matosinhos takes the first place in this April export with 884.765 kilos (47.162 cases) amounting to 10.354.656\$20. Olhão is in second place by exporting 536.804 kilos (37.548 cases) amounting to 7.279.579\$45 coming in third place Portimão with 245.687 kilos (12.938 cases) amounting to 2.825.400\$50.

By comparing with March export that of April was lower in 52.896 kilos (4.817 cases) amounting to 769.996\$90 and as regards April, 1946 was lower in 7.542.239 kilos (375.950 cases) amounting to 88.561.192\$65.

BRINE

1.154.712 kilos amounting to 3.572.728\$00 were exported for the following kinds: sardines, 1.018.972 kilos; mackerel, 58.764 kilos, other kinds, 76.976 kilos. The chief ex-



COMPRA-SE

Fábrica de conserva de peixe em molhos e salmoura, em laboração, de preferência no Algarve.

Indicar localidade, preço, área da fábrica, etc. Aceitar-se-ia também sócio que entrasse com capital e colaboração. Resposta à Redacção, letras C. C. A.

port center was Matosinhos with 281.040 kilos amounting to 843.120\$00. This export was clearly higher as regards that of March (1.092.556 kilos over amounting to 3.385.630\$20) and regarding that of April, 1946 (896.132 kilos over amounting to 2.759.390\$00).

FROZEN

This export was of 46.400 kilos amounting to 290.000\$00, distributed for the following kinds: sardines, 8.340; eels, 20; mackerel, 10; poulp, 24.680; cuttle-fish and calamaries, 13.150. Lisbon was the sole exporting center and the chief importing center was Argentina with 40.000 kilos.

BY COUNTRIES

OIL OR SAUCES

The three leading importing countries were: Holland (979.037 kilos), England (426.422 kilos) and Belgium with 234.821 kilos.

As regards kinds the chief buyer of sardines was Holland (978.983 kilos); for chinchard Belgium (1.045 kilos); for mackerel Austria (760 kilos); for tunny and similar United States of America (43.044 kilos); for anchovies and antipasto Englad (respectively 320.694 and 105.608); for calamaries and cuttle-fish Cuba (1.770 kilos).

For the month of March the three leading buying countries were Belgium (1.040.932 kilos), England (344.888 kilos) and Holland (192.755 kilos) and in April of last year, England (4.737.287 kilos), France (1.897.956 kilos and Belgium (1.621.722 kilos).

BRINE

The chief importing country was Italy with 1.056.420 kilos amounting to 3.277.840\$00. In March had been Argentina with 29.376 kilos amounting to 88.128\$00 and in April of last year, Greece, with 172.015 kilos in the value of 436.687\$00.

Exportação de conservas de peixe em azeite ou mólhos, em quilos, por países de consumo, e por espécies, em Abril de 1947

April Canned Fish Export (by Countries)

	Sardinha <i>Sardine</i>	Carapau <i>Chinchar</i>	Cavala <i>Mackerel</i>	Atum e similares <i>Tuna</i>	Anchovas <i>Anchovies</i>	Lulas e Chocos <i>Cuttle fish and Squids</i>	Outras especies <i>Other species</i>	Totais <i>Total</i>
Africa Ocid. Bri- tânica	46.163	-	304	-	-	-	-	46.467
Africa Orient. Bri- tânica	1.900	-	-	-	-	-	-	1.900
Angola	1.358	-	-	-	240	-	126	1.724
Alemanha	6.853	-	-	-	-	-	-	6.853
Argentina	179.216	-	-	-	18	4.728	10.982 ^(a)	194.944
Austrália	1.254	-	-	-	-	-	-	1.254
Áustria	-	-	760	-	-	-	-	760
Bélgica	233.776	1.045	-	-	-	-	-	234.821
Bolívia	1.900	-	-	-	-	-	-	1.900
Brasil	26.802	-	326	332	100	190	-	27.750
Cabo Verde	56	-	-	-	-	-	-	56
Canadá	5.928	-	-	-	-	-	-	5.928
Checo Eslováquia	46.550	-	-	-	-	-	-	46.550
Colômbia	16.760	-	-	380	1.579	-	-	6.132
Congo Belga	6.132	-	-	-	-	-	-	4.275
Costa Rica	4.275	-	-	-	-	-	-	18.719
Cuba	32.892	-	-	-	-	1.770	-	34.662
Curaçao	400	-	-	-	-	-	-	400
Dinamarca	1.196	-	-	-	-	-	-	1.196
Egipto	209	-	-	420	-	-	-	629
E. U. América	-	-	-	43.044	4.750	-	-	47.794
Equador	475	-	-	-	-	-	-	475
França	2.090	-	-	-	36	-	-	2.126
Guatemala	-	-	-	285	190	-	-	475
Guiné	19	-	-	-	-	19	-	38
Grécia	-	-	-	-	475	-	-	475
Haiti	665	-	-	-	19	-	-	684
Holanda	978.983	-	27	27	-	-	-	979.037
Índia Portuguesa	190	-	-	-	-	-	-	190
Inglaterra	120	-	-	-	320.694	-	105.608 ^(b)	426.422
Macau	114	-	-	-	-	-	-	114
México	1.150	-	-	-	-	-	-	1.150
Moçambique	14.782	-	57	-	-	-	-	14.839
Nicarágua	1.900	-	-	-	-	95	-	1.995
Nova Zelândia	1.800	-	-	-	-	-	-	1.800
Palestina	12.160	-	-	-	-	-	-	12.160
Paraguai	3.800	-	-	209	142	-	-	4.151
S. Tomé e Príncipe	142	-	-	61	-	-	-	203
Suécia	25.498	-	-	-	-	-	-	25.498
Suíça	792	-	-	3.615	-	-	-	4.407
União Sul Africana	475	-	-	-	484	-	-	959
Uruguai	17.370	-	-	1.273	-	-	-	18.643
Venezuela	6.000	-	-	-	-	-	-	6.000
Fornec. à Navega- ção	437	-	171	380	38	-	-	1.026
Quilos	1.682.582	1.045	1.645	50.026	318.765	6.802	116.716	2.187.581
Caixas	87.943	55	84	1.515	34.907	361	6.571	131.436
Valores	19.349.693\$00	7.785\$25	22.701\$00	815.423\$80	6.575.300\$00	50.674\$90	869.534\$20	27.691.112\$15
Values								

(a) Ameijoas — Berbigão

(b) Antipasto



Ciência e Técnica

Vitaminologia das Conservas de Peixe

Pelo Prof. Pereira Forjaz

No n.º 10, de Janeiro de 1947, da revista «Conservas de Peixe», publicámos um primeiro artigo, sob esta rubrica, que a revista espanhola «Industria Conservera» se dignou transcrever.

Os últimos trabalhos que nesse artigo citámos foram publicados em revistas da especialidade, mas importa não esquecer as obras de fundo mais modernas que devem constituir, como sempre, o ponto de partida da investigação a realizar.

Lela Evangeline Booher, Rosemary, Loughlin Marsh e Eva Hartzler ocuparam-se, em três trabalhos, das vitaminas alimentares; esses trabalhos foram publicados pelo Ministério da Agricultura dos Estados Unidos e neles se expõem as técnicas físico químicas e biológicas dos respectivos doseamentos. A memória em que intervem Rosemary Marsh ocupa-se especialmente da vitamina A, e a memória em que intervém Eva Hartzler da vitamina B₁. Destina-se ao grande público uma obrzinha de Henry Borsook, da «Viking Press», utilizada nos próprios hotéis.

A melhor obra sobre a vitamina K deve-se a Hugh Roland Butt e Albert Snell: apenas tem o inconveniente de se destinar sobretudo a cirurgiões e bioquímicos deixando um pouco de lado os aspectos mais exclusivamente químicos e analíticos. Igual reparo merece a obra de Walter Hollis Eddy e Gilbert Dall-dorf sobre avitaminoses. O primeiro destes autores, com Gessner Ha-

wley, brindou a vulgarização científica com um livro destinado a ir às mãos de todos. No domínio universitário e académico, por consequência mais relacionado com a investigação, merecem referência especial as seguintes memórias:

Harris, Robert S., and Kenneth V. Shimmann. Vitamins and hormones; advanced in research and applications, vol. II, New York, Academic Press, 1944, 511 p. Faz-se, nesta obra, referência pormenorizada a toda a literatura, inglesa e americana, sobre o assunto (2000 referências) e o trabalho de laboratório é sujeito a uma revisão crítica; e *Rosenberg, Hans Reinhard,* Chemistry and physiology of the vitamins. New York: Interscience Publishers, 1942. Contém abundante bibliografia, mesmo alemã e francesa (3000 citações).

A monografia da American Chemical Society é considerada já antiquada (deve-se a Sherman e Smith).

Menciono ainda a obra fundamental de Carlos Isaac Reed, e colaboradores, sobre a vitamina D, magnífica monografia de 389 páginas saída dos prelos da Imprensa Universitária de Chicago e o relato de Evans referente a um simpósio universitário sobre a acção biológica das vitaminas.

Entre as obras espanholas recentes citarei os livros do Prof. Lorenzo Velásquez, *Farmacologia y terapeutica de las vitaminas*, 1.ª ed., 1941, Avila, e do Prof. Santos Ruiz, *Vitaminas*, Saeta, Madrid, 1941;

pertencem à vulgarização os opúsculos de Noguez Moré e o de Vander, tão sugestivamente ilustrado. Dispõe a língua espanhola de duas traduções, feitas do alemão, de dois tratados notáveis que prestam magníficos serviços:

A memória do Dr. F. Gstirner, trasladada por Campo de Cós, *Métodos físicoquímicos para la determinación de vitaminas*, Marin, Barcelona, 1944, e, sobretudo, a opulentíssima obra publicada sob a direcção do Prof. W. Stepp por um conjunto de especialistas, intitulada *Fisiología, Patología, Terapeutica y Política Sanitária de la Alimentación — Las Vitaminas — Labor*, 1942.

Não findarei sem mencionar, na língua portuguesa, «*As Vitaminas*», de Mário Monteiro Pereira. Inquirito, Lisboa, 1943, e, sobretudo, «*Vitaminas*», do Dr. Gonçalves Ferreira, Coimbra, Gonçalves, 1944, assim como a conhecida obra de Fásékas, traduzida em 1942 por Rónai, no Brasil: «*O romance das vitaminas*». Entre os trabalhos recentes publicados noutros países uma referência muito especial e justa aos magníficos *valde-mecum* «Roche», da Hoffmann, de Basileia.

No artigo do Prof. Diemair inserto na obra, atrás citada, de Stepp, artigo intitulado «*La elaboración de los alimentos*», a pág. 272, encontra-se uma referência concreta à preparação das conservas de peixe e à delicadeza do seu fabrico. No artigo do Prof. Floessner, da mesma obra, considera-se a alimentação como problema de política sanitária. E escreve-se, na pág. 603: *cada país deve encontrar, individualmente, a solução nacional para o seu problema alimentar.*

As palavras deste douto vitamínólogo são fundamentadas, oportunas e sugestivas. Sua Excelência, o Senhor Ministro da Economia de Portugal, o engenheiro Daniel Barbosa, é bem a alta individualidade capaz de enfrentar e resolver tão magno problema.

MARTEL

REG. U.S. PAT. OFF.
BRAND



Conservas Portuguesas

SARDINHAS

ANCHOVAS

ANTIPASTO

Preparadas para a nossa firma
pelos melhores fabricantes de
Portugal e saboreadas pelo
mais fino paladar Americano

ADOLPH GOLDMARK & SONS CORP.
MARTEL FOOD CORP. NEW YORK
U. S. A.

APA



SEVEN BRAND

SÃO CONSERVAS
DE CONFIANÇA

FABRICADAS POR

Manuel Pereira Junior

RUA BERNARDINO COSTA, 41 • LISBOA • PORTUGAL



FRAZAR & COMPANY

50 CHURCH STREET, NEW-YORK, 7 N. Y.

IMPORTADORES-EXPORTADORES-DISTRIBUIDORES

Direcção telegráfica
«FRAZAR» New York

Códigos

A. B. C. 15th. Impl Acme,
Benley's

Western Union



Importação: Sardinha-Anchovas-Atum-Productos Alimenticios



*Exportação: Agentes Exportadores Exclusivos para Portugal e Colónias: Atlas
Imperial Diesel Engine Co.- Fabricantes de Motores Diesel e a Gasolina
R. J. Ederer Company- Fabricantes de Redes para Pesca de todos os tipos e
Exportadores de Productos Alimenticios-Máquinas-Ferragens-Material Eléctrico
e de Engenharia-Mercadorias Gerais*

A organização científica do trabalho

Ao esboçarmos o plano deste artigo, sentimos a necessidade de definir «ab initio» os termos de que é constituído a título, com o fim de justificá-lo e criar no espírito do leitor menos familiarizado com a expressão uma ideia clara, embora sucinta, da «organização científica do trabalho».

Segundo Ponthière, malgrado mestre, o trabalho que é uma transformação de energia, quer mecânica quer fisiológica, no domínio económico entende-se pela actividade que contenha um sentido social e cujo resultado seja avaliado por um preço.

É, pois, do trabalho assim considerado que se ocupa a organização científica.

Tentemos agora definir «organização». Se considerarmos que organizar é dispor os diversos elementos, prontos a funcionar, implicitamente concluiremos que «organização» é o efeito daquele acto.

E porquê científica? Parece que logicamente poderíamos dispensar essa classificação porquanto «organização» envolve a ideia de ordem, de método, de sistema e, etimologicamente, de harmonia. Porém, para atingirmos a ordem, o método ou o sistema, torna-se indispensável o conhecimento certo, fundado em demonstrações e é este conhecimento que se denomina ciência.

Definida a expressão pela qual é conhecido nos povos latinos o conjunto das doutrinas modernas do trabalho no seu aspecto económico historiemos um pouco o seu aparecimento e o progresso que lhe foi imprimido para depois estudarmos a sua repercussão na economia dos nossos tempos.

A organização, má ou boa, existe em tudo o que vive. Podemos, pois, afirmar que é tão antiga como a própria vida.

Não o é, porém, o seu estudo nem

a ciência dele resultante — ciência, como todas, construída pedra por pedra, à custa dum esforço colectivo.

Nas épocas mais recuadas da História encontram-se experiências e resultados da organização do trabalho.

Xenofonte, no ano 550 A. C., enunciava desta forma singela o princípio da «divisão do trabalho».

«É impossível que o homem que se ocupa de muitas coisas triunfe em todas por igual. Necesariamente um homem cujo trabalho se limite a uma espécie de obras as fará melhor».

E em outra sua obra, põe na boca de Sócrates as seguintes palavras dirigidas a um jovem ateniense:

«Assim, mulher, se queres evitar uma confusão como esta, saber administrar bem o nosso lar, encontrar facilmente aquilo de que necessitamos, e oferecer-me com graça o que eu venha a pedir, escolhamos um lugar conveniente para cada coisa e, com cada coisa posta em seu lugar, indiquemos à serva onde pode encontrá-la e tornar a pô-la. Assim, saberemos o que se perde e o que temos. Com efeito, o «lugar» terá em si mesmo o ar de lhe faltar qualquer coisa, o nosso olhar procurará aquilo que pede os nossos cuidados e o conhecimento do lugar reservado a cada objecto permitir-nos-á encontrá-lo tão rapidamente que nunca estaremos prevenidos».

Como se vê, o método e a ordem nas coisas e nos actos são tão antigos como o homem civilizado.

E essas condições essenciais do método, da ordem e da divisão do trabalho constituíram certamente as bases dos planos das grandes obras de todos os tempos: pirâmides, templos, aquedutos, etc. Sem dúvida, os seus autores estabeleceram cuidado-

samente os planos, pormenorizaram e prepararam a sua execução.

Como ponto fundamental das sociedades humanas encontramos sempre o princípio de autoridade. Nas sociedades económicas — as empresas — o mesmo princípio existe, a par da unidade do comando. Taylor e Fayol, os precursores da organização científica do trabalho assim o entenderam e foi certamente essa a razão por que as leis e princípios que estabeleceram foram por eles designados respectivamente «Scientific Management» e «Doctrine Administrative». Esses dois iniciadores consideravam essencial que os chefes necessitavam de manter o princípio de autoridade, sem excluir, evidentemente, o espírito de moralidade, de justiça e de sociabilidade.

Ora, o princípio de autoridade nas sociedades humanas com características económicas vem desde os tempos em que estas se baseavam no conjunto familiar sob a autoridade absoluta do «pater família» até aos nossos dias em que o encontramos quer nas indústrias caseiras e nas pequenas oficinas, quer nas grandes empresas. Nestas onde aparecem adaptadas as leis políticas que regem as relações e o funcionamento dos órgãos sociais, mantém-se íntegro o princípio de autoridade, mesmo quando são vários os elementos que as dirigem.

Portanto, podemos concluir que a divisão do trabalho, a ordem e o princípio de autoridade são princípios gerais comuns às sociedades humanas e às empresas económicas.

Pode dizer-se que os primeiros estudos do trabalho apareceram por alturas do Século XVII: Amontons, falecido em 1705, apresentou na Academia uma série de mensura-

(Continua na pág. 18)



VICTOR M. CALDERÓN Co.

ENDEREÇO TELEGRÁFICO
DELABARCA

FUNDADA EM
1923

99, HUDSON STREET
NEW YORK, 13

A PRIMEIRA CASA AMERICANA EM PRODUTOS PORTUGUESES

ESPECIALIZADA EM:

Conservas de Peixe, Pimentão,
Azeite de oliveira, Amendoas, Frutos
secos e Cortiça

Fábrica: - SETÚBAL
Telefones: - 164 e 327
Telegramas: - SELISMA

LISBOA
R. JARDIM DO REGEDOR, 37-3.º
Telefones: { 3 1824
 3 3037
Telegramas: - SELISMA
Caixa Postal 712 (Central)

Fábrica: - MATOSINHOS
Telefone: - 623
Telegramas: - SELISMA

Conservas *Unitas*, Limitada

FABRICANTES - EXPORTADORES

CÓDIGOS:

A. B. C. 5th. & 6th. Ed.
BENTLEY'S
MASCOTTE 2.ª Ed.
NATIONAL FRANÇAIS
RUDOLF MOSSE E SUPL.
PRIVÉS

Sede: - LISBOA

Marcas Registradas:

CHAMEAU	MADALENA
BERRY	NICOLA
IRIS	MONICA
SILLEDO	UNITAS
SAMBA	

A PESCA DO ATUM

pelo COMANDANTE FREDERICO CRUZ

(Continuação do número anterior)

A pesca do atum é realizada por três processos principais: linha, cerco e armações.

Os pescadores de Marselha empregam muito o sistema da pesca à linha.

A época mais própria vai de Julho a Setembro, logo após a desova. As embarcações empregadas nesta pesca são em geral de duas a cinco toneladas e dispõem de motores de combustão interna.

O número de linhas empregadas não vai além de três: uma a cada bordo, presas a curtas antenas, e a terceira à popa.

Cada aparelho é constituído por uma linha resistente, com uma extensão que pode ir das 50 às 100 braças, à qual se liga um troço de linha de aço, amarrado a um robusto anzol em ferro forjado.

Estes aparelhos são lançados para o mar e rebocados a uma velocidade moderada.

A isca é muitas vezes constituída por uma pequena ventoinha metálica brilhante, que gira como a hélice de qualquer odómetro, em consequência do movimento do barco.

O peixe, cuja voracidade duplica após a desova, deixa-se atrair pelo brilho, ataca o falso peixe e crava-se no anzol.

O rendimento da pesca à linha é moderado. Nos dias considerados bons, o número de peixes capturados raras vezes vai além de vinte.

Os pescadores provençais recorrem também com frequência ao emprego dos cercos (Fig. 1).

Esta pesca merece descrição especial. Quando os pescadores descobrem a presença de um bom cardume de atuns, dirigem-se para o local, nos seus barcos a motor, e começam por estender rapidamente na água duas paredes de redes ver-

ticais e paralelas, que contêm, no seu intervalo, a presa cobiçada (Fig. 1 — a).

Estas redes são constituídas por largas malhas de 60 ou 70 cm. de lado e providas de cortiças na parte

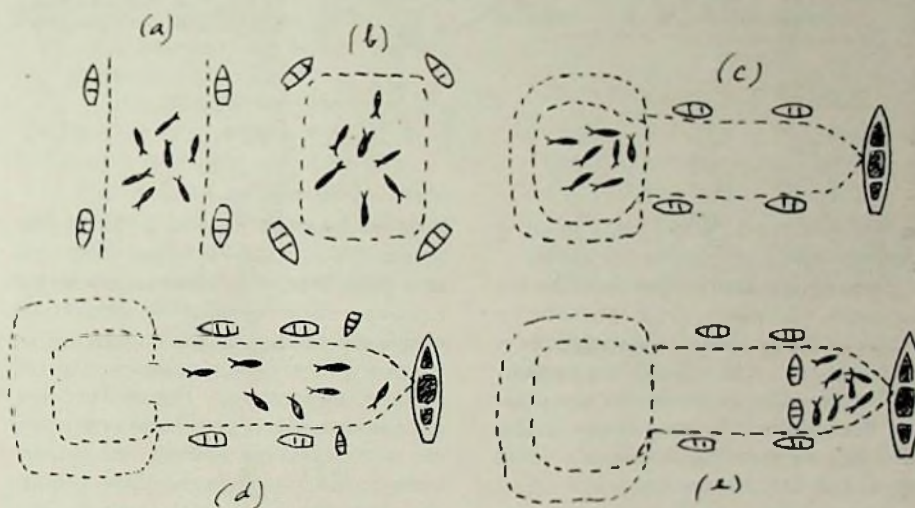


Fig. 1

superior e de lastros de chumbo na inferior para manterem a verticalidade.

Cada barco transporta a bordo à volta de 200 braças de rede.

Construído em corredor, o mesmo é rapidamente convertido num recinto fechado (Fig. 1 — b) com o auxílio de quatro barcos.

A seguir, o edifício é consolidado por meio de uma nova cintura de rede, ancorotes e amarras.

Obtido este encarceramento inicial, aplica-se a uma das faces da cintura uma rede adequada, com o aspecto de um corredor. O seu com-

primento é de 100 braças e a largura de 40. Inferiormente é fechada por malhas sucessivamente decrescentes (Fig. 1 — c).

O extremo oposto desta rede suplementar é amarrado a uma embarcação de maior porte, que recebe o nome de navio-mãe, embarcação de uma dezena de toneladas.

Estabelece-se depois comunicação entre o cerco e o corredor, baixando a rede de separação, e aperta-se a área do círculo interior, o que obriga os atuns a precipitarem-se pela única saída que parece conduzi-los à salvação (Fig. 1 — d).

Finalmente (Fig. 1 — e) duas pequenas embarcações, colocadas no interior deste último compartimento, vão levantando as redes e aglomerando os atuns na testa deste verdadeiro copo.

Os pescadores fígam os atuns por meio dos bicheiros — compridos e agudos croques.

A pesca por este sistema é muito frutuosa, chegando os provençais, no mês de Abril — o mais favorável —, a capturarem 800 peixes de uma só vez.

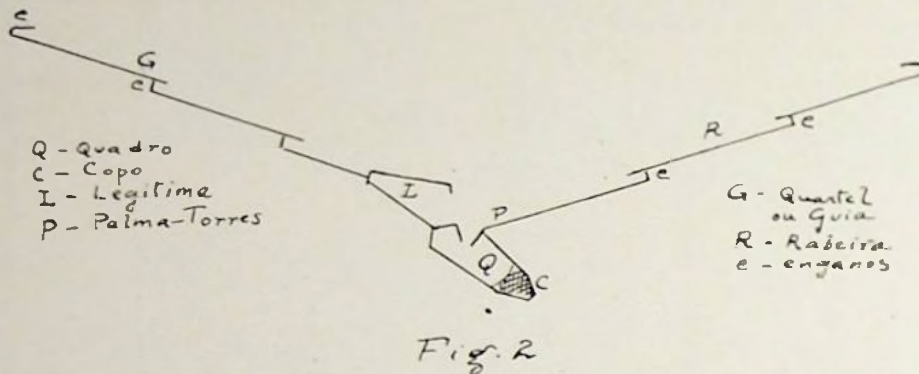
Na nossa costa do Algarve o sistema adoptado é o das armações,

Embora bastante conhecidas, vamos, para completar o presente trabalho, descrever sumariamente um destes engenhos complexos e a maneira como opera.

Uma armação de atum (Fig. 2) é um obstáculo constituído por uma série de redes que se coloca e orienta

Vejamos como se verifica a captura dos atuns:

O cardume, ao chegar aos pequenos fundos da costa, caminha ao longo da mesma e vai esbarrar na Rabeira ou no Quartel. A despeito da largura das malhas, os peixes não se atrevem a passar, mas, impelidos



de forma a cortar o caminho normal seguido pelos cardumes de atuns.

Estas redes, fabricadas de linho ou de cairo, formam uma verdadeira parede vertical que vai da superfície ao fundo. A verticalidade e a conservação das diferentes partes na posição devida obtêm-se por meio de flutuadores de cortiça, lastros de ferro e amarrações adequadas.

A armação compõe-se de «Quartel», «Rabeira», «Legítima», «Palma-Torres» e «Quadro» ou corpo da armação.

O Quartel e a Rabeira são longas paredes de rede de malhas largas — às vezes de 1 metro de lado —, totalizando 3, 4 e 5 milhas e formando um ângulo mais ou menos obtuso. No meio destas paredes salientam-se obstáculos em forma de beco, denominados «enganos».

No vértice do ângulo formado pelo Quartel e pela Rabeira situam-se a Legítima e o Palma-Torres, que, no seu conjunto, constituem uma antecâmara da cilada final, ou seja o Quadro.

Esta última parte da armação, aquela onde afinal a pesca se realiza, divide-se ainda em «câmara», «bucha» e «copo».

pela lei fatal da marcha a que a Natureza os obriga, também não voltam para trás. Vão deslocando-se paralelamente e colados às redes até que o obstáculo de um «engano» os força a retroceder, acabando sempre por irem parar ao Palma-Torres e à Legítima. Ali o problema complica-se e os peixes apenas encontram uma saída na direcção que julgarem convém — a porta que os leva afinal à câmara, ao bucho e ao copo, onde se dá finalmente a captura e a morte.

É normalmente só no Quadro que se dá a intervenção dos pescadores, aguardando ansiosos nos seus barcos que o cardume se ensaque.

O espectáculo do «copejo», ou seja o de fregar dos peixes, é impressionante.

As águas tornam-se escumantes, revolvidas pelos atuns em doidas e inúteis tentativas de fuga. O sangue jorra vivo e vermelho das feridas profundas abertas pelos bicheiros. E os pescadores vão, hábilmente, levantando as redes e atirando com os peixes, uns após outros, para dentro dos barcos.

Assim acabam todos os anos a sua carreira alguns milhares de atuns.

A organização científica do trabalho

(Continuação da pág. 15)

ções de tempo, que oferecia aos que tivessem de dirigir trabalhos. Calculou o tempo que era necessário para um laçao conduzindo uma cadeirinha percorrer 70 toesas, comparando esse tempo com o gasto no mesmo percurso por um homem carregado, por um cavalo, etc. Em outro estudo feito por Amontons tomou-se conhecimento de que um serrador fez 200 movimentos de vaivem, pelo que a sua mão percorria de cada vez um espaço de 18 polegadas com um esforço de 25 libras, em 145 segundos; depois desse trabalho o serrador devia, na opinião de Amontons, descansar.

Já no Século XVIII, Belidor publicou (1729) a obra intitulada «La Science des ingénieurs dans la conduite des travaux de fortification et d'architecture civile». Nesse livro encontram-se previsões definidas relativas a cronometragens dos trabalhos de aterro, e outros.

Adam Smith (1723-1790) formulou a lei da divisão do trabalho. É curioso lembrar que a determinação desta lei por parte de Adam Smith parece ter sido inspirada numa monografia da indústria do alfinetes feita por um engenheiro francês, Perronet.

Enfim, muitos outros engenheiros terão procurado obter do trabalho o rendimento óptimo, fazendo experiências, estudando e divulgando; porém, não foi o conjunto dessas tentativas mais ou menos empíricas que fundamentou a ciência da organização.

Uma ciência é, por definição, um conjunto de conhecimentos de que se procuram as leis e os princípios. Só no Século XIX Taylor e Fayol estabeleceram as bases dessa ciência.

J. R. da Graça Mira

(Continua)

MATÉRIAS PRIMAS



Folha de Flandres

A folha que os E. U. A. nos têm atribuído pelos contingentes estabelecidos para o 1.º, 2.º e 3.º trimestres, no total de 2.740 ton., mal chega para cobrir uma sétima parte das nossas necessidades normais durante um ano.

Temos razão de sobra para nos lastimarmos da maneira injusta como temos sido tratados no abastecimento duma matéria prima essencial para a produção da nossa principal indústria e sem a qual não será possível fabricar as conservas de peixe com que estamos alimentando os povos necessitados que a América do Norte se mostra empenhada em auxiliar.

Esperamos que, pelo menos, a quantidade de folha que nos foi concedida no 4.º trimestre, embora já tarde para poder ser aproveitada na actual safra, nos compense de algum modo dos esqueléticos fornecimentos dos trimestres anteriores.

Há, presentemente, nos E. U. A. dois processos de obter folha para a exportação:

1) Contingentes:

O contingente representa a parte que cabe a cada país na divisão das quantidades que as fábricas são autorizadas a fabricar para a exportação. As fábricas são obrigadas a aceitar as encomendas à sombra do contingente. O exportador recebe, juntamente com a licença de exportação, uma «directiva», ou ordem do Governo, que autoriza o fabricante a aceitar a encomenda. Pode acontecer que um fabricante tenha a sua capacidade de produção inteiramente tomada. Nesse caso, o exportador a quem foi concedida a «directiva» terá de procurar um outro fabricante que esteja em condições de aceitar a

encomenda. O preço da folha obtida desta forma deverá ser o preço oficial das fábricas, que oscila entre \$ 12 e \$ 14 por caixa de cerca de 200 libras pêso.

2) Folha extra contingente:

O Departamento do Comércio norte-americano concede licenças de exportação para folha extra-contingente desde que o exportador prove:

a) Que tem em seu poder a folha que pretende exportar;

b) Que a fábrica aceitou a sua encomenda e está pronta a fabricar a folha sem qualquer «directiva»;

c) Que a folha se destina ao acondicionamento de produtos alimentares, prova esta feita em carta assinada pelo exportador ou pelo seu cliente no país de destino.

A exportação da quantidade de folha a autorizar nestas condições vai até 10.000 ton. A vantagem prática desta concessão é, porém, duvidosa, porque as fábricas declaram não poderem aceitar qualquer encomenda sem uma «directiva» do Governo.

Estanho

Na conferência internacional do estanho realizada em Londres e em que participaram a Bélgica, China, França, Países Baixos, Sião, Estados Unidos e Inglaterra, foi estudada a situação mundial deste metal, e feitas as necessárias previsões quanto à sua produção e consumo prováveis, no mundo, durante os próximos anos, concluiu-se que não havia, com certa probabilidade, perigo de uma possível super-produção e reconheceu-se a necessidade de um controle inter-governamental para o estanho, acordando-se na organização de um grupo internacional de estudos, visto que o acordo mundial vigente terminou em 31 de Dezembro findo.

Entretanto calcula-se para 1947 uma produção mundial de 150.000 ton. de estanho e um consumo aproximado de 108.000 ton.

As reservas mundiais armazenadas em fins de Julho do ano passado, estavam avaliadas em 120.000 ton.

A produção mundial deste metal durante a guerra foi a seguinte, em toneladas:

1939 — 183.000	1942 — 125.000
1940 — 235.000	1943 — 121.000
1941 — 245.000	1944 — 109.000

O respectivo consumo, nos E. U. A. e na Grã-Bretanha, durante o mesmo período, foi o seguinte:

	E. U. A. ton.	Grã-Bretanha ton.
1939 —	70.315	27.279
1940 —	75.000	29.225
1941 —	100.870	30.000
1942 —	60.000	23.478
1943 —	56.000	17.631
1944 —	65.000	18.435

A produção em 1946 não chegou a alcançar 60 % da média de antes da guerra, devido, sobretudo, ao baixo rendimento das minas na Maláia e nas Índias Inglesas, aonde, para obstar aos inconvenientes da falta de carvão, estão a fazer-se alterações nas centrais produtoras de energia e nas dragas, para substituir este combustível por óleo.

Apesar destas dificuldades, há a convicção, como os números acima referentes a 1947 indicam, que a escassez do estanho desaparecerá até ao fim deste ano.

Trata-se, porém, duma opinião demasiado optimista que só um extraordinário aumento na produção de estanho no Extremo Oriente poderá confirmar.



Com o fim da guerra e, conseqüentemente, com os trabalhos iniciados em todo o mundo para as necessárias adaptações a uma nova ordem económica começam a surgir para as indústrias de exportação problemas novos e a ser mais difícil a solução de problemas antigos, uns e outros exigindo que se procurem com vontade as fórmulas da sua resolução. E tudo quanto fizeram neste sentido os homens chamados a realizar o estudo dessas questões vitais, tem de ser visto em profundidade, com a noção das realidades, procurando ver ao longe e sem paixões, fugindo às soluções de momento que adiam dificuldades sem as resolver, mas dentro dum plano alicerçado solidamente e com a maleabilidade para, sem saltos bruscos sempre inconvenientes, poder adaptar-se a situações que podem ser criadas fora da nossa intervenção e independentemente da nossa vontade.

Parece que, dentro da balhúrdia em que o mundo de hoje se debate, mas no meio da qual, agora como sempre, os interesses das nações e dos indivíduos não de ser a roda mestra que imprime movimento à vida de relações entre umas e outros, os preceitos directivos deveriam ser indispensavelmente subordinados ao critério da supremacia do interesse colectivo sobre o individual, o bem de cada um sendo a consequência natural do bem de todos. As nações, como os indivíduos, deveriam abrir as portas das torres de isolamento em que o seu egoísmo ou a sua ambição as encerrou.

Mas, é de temer que tal não aconteça. Umás e outros continuarão a bater-se pelo próprio prestígio e pela sua exclusiva prosperidade, as nações procurando criar ou manter supremacia em todos os campos em que possam exercer a sua acção, os indivíduos lutando cada vez mais encarniçadamente pelo triunfo dos seus interesses ou pela satisfação das suas vaidades. *Homo homini lupus*, o trágico conceito que Plauto nos deixou, continuará a ser, infelizmente, o lema principal da vida da humanidade.

É preciso procurar com decisão remédio a este mal, corrigindo os defeitos do sistema, contrapondo-lhes normas de procedimento mais em harmonia com a moral cristã e que, no fundo e ao cabo, servirão de modo eficiente os interesses de cada um, servindo os da colectividade. Parecendo aos egoístas que sacrificarão tudo o que julgam ser devido ao seu poderio material ou social, quando abdicam em parte insignificante dos seus pretensos direitos em benefício do conjunto, preciso é convencê-los de que, procedendo assim, trabalham é certo para os mais desfavorecidos, mas trabalham também para si próprios, dando estabilidade, equilíbrio e harmonia à vida do todo a que pertencem.

E quando a vida dos indivíduos, nas relações com os seus semelhantes, se regular por estas normas, e se tiver conseguido a perfeição possível, embora precária como tudo o que sai da mão do homem, será então lícito esperar que a vida de relações entre as nações comece também tendendo para a perfeição, em obediência aos preceitos que Cristo nos legou.

Dentro desta ordem de ideias, e preocupando-nos só-

A BOA D VERDADES

mente com o que diz respeito aos homens, em particular aos portugueses, digamos o que se nos afigura indispensável àqueles que constituem o agregado da indústria de conservas de peixe de Portugal.

A organização corporativa desta indústria, feita no momento oportuno e obedecendo a imperativos de interesse nacional tendentes a servir uma riqueza imensa e a promover a sua segurança e prosperidade no futuro, é um exemplo convincente da justeza das nossas afirmações, quando dizemos que o melhor meio de salvar uma unidade é tratar da salvação do todo a que pertence.

Ninguém se atreverá a negar que a indústria de conservas de peixe em Portugal se salvou da situação angustiada em que vivia mercê da sua organização corporativa. E com a indústria se salvaram os industriais, e com estes os interesses de todos que, directa ou indirectamente, aos mesmos estavam ligados. A indústria e os industriais devem muito, para não dizer tudo, ao Consórcio Português de Conservas de Sardinha, ao Consórcio Português de Conservas de Peixe e ao Instituto Português de Conservas de Peixe, não esquecendo o que devem também às suas próprias qualidades de iniciativa, de tenacidade e de trabalho.

Devem muito, para não dizer tudo, aos organismos citados. Mas, o credor verdadeiro da gratidão devida é, acima de tudo, a ideia que os inspirou e os princípios que os informaram. Foi por este processo que, através da salvação colectiva se realizou a salvação individual. E a obra gigantesca fez-se com o bom acolhimento de todos e com o entusiasmo geral da colectividade.

Mantém-se este estado de espírito propício aos grandes empreendimentos, e existe aquele ambiente de entendimento e de harmonia que se torna necessário para encarar de frente e resolver com decisão os grandes problemas do presente e do futuro? Julgamos que não. E como não crescemos nem falamos senão para dizer verdades, por amargas que sejam: porque entendemos que só há a luerar com a exposição franca e desassombada dos pontos de vista de cada um, quando orientados por boas intenções; porque pensamos que há doentes que é preciso medicar à força embora depois de salvos façam pouco dos remédios que os curaram; diremos que a condição fundamental, o alicerce sólido dos trabalhos a executar para enfrentar com probabili-

DO OUTRINA NECESSÁRIAS

dades de êxito os problemas já existentes e os que não-de surgir, é o perfeito entendimento, a confiança mútua e respeito recíproco que devem existir entre o Instituto Português de Conservas de Peixe e os Industriais, directamente e por via dos seus Grémios.

Este ambiente indispensável, estas condições bastantes e suficientes não existem actualmente. Podem as aparências querer mostrar o contrário; pode uma ou outra boa vontade criar em si própria a ilusão de que assim acontece; de facto, nada há. O organismo superior de orientação da indústria e os industriais vivem de costas voltadas e muito afastados. Conhecem-se, mas não se estimam. Trabalham juntos, mas não colaboram. Pertencem à mesma família, mas não mantêm a sua união. Temem-se, e não se respeitam. Fortes todos, vivem em fraqueza, porque não se apoiam nem se dedicam.

É onde está a culpa? A qual das partes cabe a responsabilidade da situação? Sem hesitar, responderemos que cabe a ambas.

O Instituto vive muito acima e ao lado dos industriais. Não tem a sensibilidade apurada de outrora para tratar com nervos e com paixão os problemas que apoquentam a indústria. Não partilha dos seus entusiasmos, nem sofre com as suas apreensões. Sente os males dos seus tutelados através da diminuição das receitas que entram nos seus cofres. Não os acarinha, não os chama ao seu convívio, não lhes diz o que é a sua vida, não lhes dá explicações nem lhe dá contas, esquecendo-se de que, se vive, é à actividade industrial que vai buscar o sangue arterial que, espalhando-se por todos os membros do organismo, da cabeça aos membros inferiores, lhe assegura a existência. Não queremos dizer com isto que o Instituto devesse prestar estrictezas contias da sua actividade nos campos industrial e comercial e até no económico e financeiro. Sabemos bem que a orgânica da sua vida está vazada em moldes que não estabelecem estes métodos. Mas queremos-lo mais próximo dos industriais, lembrando-se que estes, como células primárias e fundamentais da sua organização, merecem uma atenção maior, e que o carinho que lhes fosse dispensado voltaria ao Instituto transformado em apoio entusiástico e firme. Seria como que a ajuda inestimável dos filhos a quem os pais confiam as suas dificuldades. O amparo insuperável dado pelos pais aos

filhos nos maus momentos, ou ainda a comparticipação reconfortante nas satisfações merecidas dos dias felizes. Em resumo: nós queremos que o Instituto se lembre que há Grémios de Industriais, que existem os fabricantes que os constituem, e que as relações entre todos não devem ser unicamente aquelas que a lei rigidamente estabelece.

Porém, se ao Instituto cabem culpas neste estado de coisas, que reputamos prejudicial em si e ainda mais nas suas funestas consequências, aos industriais não devem ser atribuídas menores responsabilidades.

Na generalidade, o industrial é desconfiado, egoísta e avesso às atitudes claras e desassombradas de crítica construtiva e de desacordo fundamentado. Com as excepções da praxe, — e deve aceitar-se a regra geral comodamente estabelecida de reconhecer as excepções — o industrial desconfia do colega, do Grémio e do Instituto. Não receamos asseverar que pensa muitas vezes que uma melhor situação de que um colega disfruta perante um caso qualquer de natureza externa ou interna, vem dum regime de favor conseguido por milagrosos processos, em que entram como factores as amizades e, não raro, os interesses. Ninguém pensa pelo melhor. Todo o mundo tem a tendência de julgar pelo pior. Faz-se uma combinação útil na defeza do interesse geral, confia-se a sua execução a delegados que se julga serem os mais idóneos, e aos quais compete orientar, resolver e dirigir. Imediatamente, todos ou quase todos manifestam não o receio, mas a certeza de que a combinação não será cumprida. Não se entra em linha de conta com os méritos próprios do que triunfa. Não se quer saber se o que vence tem mais apetrechamento para o conseguir, mais recursos, mais tacto, mais habilidade. Em relação àquele que gosa duma posição vantajosa pensa-se que esta foi conquistada ou por haver mais completos elementos de informação ou mais poderosas influências. A desconfiança vive permanentemente nos espíritos. É o egoísmo de cada um engenheiro em encontrar processos que sirvam o interesse próprio e que serão tanto mais meritórios quanto mais prejudicarem o alheio.

É esta situação desagradável e desoladora alastra e atinge os Grémios e o Instituto. Ninguém se manifesta abertamente contra esta ou aquela determinação que julga lesiva dos interesses individuais ou colectivos. Nos sítios em que todos os problemas deviam ser debatidos, todas as questões ventiladas, todos os casos agitados, isto é, nos Grémios, o industrial não comparece, ou comparece poucas vezes e em pequeno número. Consultado, não se manifesta, e quando o faz, procede cautelosamente, prudentemente, assustadamente, não vá a sua atitude provocar um mal que só a ele atinja. Mas, saído do Grémio, na rua, no café, em qualquer local de reunião, abre o dique da crítica e da censura, e jorram então catadupas de argumentos capazes de destruir a obra dum gigante.

Não deve ser assim. Não pode ser assim. É pre-

ciso que todos mudem. É necessário que todos colaborem: aplaudindo, apoiando e dando força àquilo que o mereça; propondo alvitres ou dando sugestões que corrijam, melhorem e aperfeiçoem o que tiver sido mal apresentado.

O Instituto deve assistência, protecção e carinho aos industriais. Deve viver por eles, para eles e para o bem do interesse Nacional. Tem de lembrar-se que se deve inteiramente a este e ao bem da indústria e daquelles que nela trabalham. Impõe-se-lhe considerar a indústria não como meio de vida, mas como razão e causa.

Os industriais, por seu turno, devem esquecer os egoísmos mesquinhos, as desconfianças desprestigiadas, o mau sestro de julgar bem só o que directamente lhes diz respeito, quando serve o seu interesse.

Nós sabemos, e de ciência certa, que é preciso ser abnegado para corrigir defeitos desta natureza, já inveterados e com raízes criadas. Mas se todos pensassem a sério no bem que para todos e para cada um viria do abandono de vaidades pueris e de isolamentos descabidos; se medissem a incalculável força que viria da pureza de intenções e da congregação de esforços; se apreciassem o imenso prestígio que lhes adviria da formação dum bloco de vontades firmes trabalhando dentro dos preceitos duma lealdade sem mancha, que força não teriam o Instituto e os industriais! Que poder de realização não apresentariam para fomentar a sua prosperidade! Que meios de resistência não possuiriam para vencer as horas más da adversidade se esta lhes batesse à porta!

Para se conseguir esta vitória, é preciso que todos, mas todos sem excepção, trabalhem esforçadamente, lembrando-se que atrás do pano de boca em que se desenha, como primeiro fim a atingir, o bem colectivo, surgirá resplandecente e em apoteose o bem de cada um, a prosperidade individual. É preciso que se trabalhe colaborando, ajudando-se mutuamente, os ricos e os pobres, os grandes e os pequenos, os poderosos


e os humildes. Não naquela colaboração ininteligente da concordância sistemática que não representa, as mais das vezes, senão subserviência. Mas contribuindo com vontade e com firmeza para a solidez da obra que a todos pertence e que a todos interessa, carregando materiais para a tarefa comum, trazendo ideias, apontando erros, corrigindo defeitos, para que do somatório destas vontades e voluntariamente disciplinadas, na contribuição sagrada que devemos à grandeza da nossa Pátria, surja, pela convergência de esforços a fortuna e prosperidade da indústria e de todos os que nela trabalham, do mais arguto dirigente ao mais obscuro operário, e ainda o prestígio e a respeitabilidade dos organismos que a orientam e dirigem.

Façam todos penitência dos erros que cometeram. Parem no princípio da ladeira que começaram a descer, e no fim da qual está a descrença na obra tão auspiciosamente começada. A não ser assim, a mesma obra perder-se-á, o que será um crime em consideração das glórias do passado, e será um erro, talvez de funestas consequências, perante as incertezas do presente e do futuro.

A força e, se quiserem, a violência destas palavras pode não cair bem no espirito de muitos. Em nossa consciência, em meditado exame que a nós próprios fizemos, achamo-la construtiva. Sentimo-nos bem por assim pensarmos e escrevermos. Apontamos um mal que todos sabem que existe, de que todos sentem os perniciosos efeitos, e que todos desejaríamos que desaparecesse. Pusemos a chaga a nú, e mostramos o remédio preciso para a sarar, demonstrando que a cura depende só da vontade do doente. Por nós, pretendemos apenas contribuir para que a primeira indústria portuguesa de exportação se mostre digna de si própria, e da obrigação que lhe incumbe de concorrer para a grandeza e prosperidade de Portugal.

DR. FERNANDO MATOS





PELO ESTRANGEIRO

Pesca em Espanha em 1946

A pesca marítima espanhola tem estado em continuo aumento desde 1940 a 1946, excepto no ano de 1943, em que acusou uma pequena diminuição, como se verifica pelos números seguintes:

1940 —	432.641.701	Kgs.
1941 —	442.823.721	»
1942 —	454.283.000	»
1943 —	430.099.667	»
1944 —	463.065.266	»
1945 —	543.445.200	»
1946 —	592.836.087	»

Há, portanto, em 1946, em relação a 1940, um acréscimo de 160.000 toneladas, o que representa 37 por cento mais.

A pesca da sardinha, porém, recaiu em 1946 na crise já verificada em 1941 e 1942. A sua produção, que costuma ser em Vigo, o principal porto sardineiro, de cerca de 30.000 ton., só atingiu, em 1946, 4.800 ton.

Como resultado desta escassez, o preço da sardinha valorizou-se. Na região de Noroeste, a média foi de 3 pesetas por quilo, sardinha pequena, e na do Atlântico Sul foi ainda mais elevada.

A indústria do arenque da Terra Nova

A pesca do arenque na Terra Nova tem-se desenvolvido consideravelmente no decorrer dos últimos anos. A produção total desta pesca atingiu, em 1944, 106.497 barris de 102 quilos. Esta produção duplicou praticamente durante o ano de 1945, em que atingiu 218.979 barris, e a exportação alcançou em 1946 um valor superior a 850.000 barris.

O desenvolvimento rápido desta indústria deve-se aos contratos realizados com a Unrra, que na safra de 1945-1946 somaram 310.000 barris de arenque salgado, com o peso de 225 libras cada barril.

Notável desenvolvimento da pesca no Canadá durante a guerra

As estatísticas da pesca publicadas recentemente no Canadá mostram o desenvolvimento notável desta indústria durante a guerra, se bem que uma parte das equipagens e do pessoal nela empregados tivesse sido reduzida de cerca de 10 por cento pelas necessidades do recrutamento, que as dificuldades de obter material fossem grandes e que a própria flotilha de pesca tivesse sido parcialmente requisitada para a defesa nacional.

Durante o período de 1939-1945 a indústria da pesca no Canadá produziu mais de 2.000.000 de ton. de produtos alimentares derivados da pesca, dos quais se exportaram 1.380.000 ton. Convém notar que os números indicados correspondem ao peso dos produtos tratados, o que quer dizer que mais de 7 milhões de ton. de peixes foram pescados durante estes sete anos. Nesta produção cabem aos «peixes pelágicos» (arenques, cavalas, sardinhas, etc.) 675.000 ton., no valor de 83.300.000 dólares. Estes produtos do mar foram entregues sob a forma de produtos frescos, congelados, fumados, salgados ou em conservas.

Fabricaram-se, em peixe em conserva de molhos, 833.000 ton., no valor de 180.008.000 dólares; em peixe salgado, 275.000 ton., no valor de 41.464.000 dólares, e em peixe fumado, 62.000 ton., no valor de 14.555.000 dólares.

As exportações foram sobretudo dirigidas: para a Grã-Bretanha, 300.000 ton., principalmente de salmão e arenque em conserva e de peixe congelado; para os Estados Unidos, 780.000 ton.; outros países, 270.000 ton.

Farinhas de peixe

As farinhas de peixes convenientemente empregadas constituem um excelente alimento para o gado e a sua adição à ração alimentar dos animais de criação tem dado excelentes resultados. São, igualmente, preconizadas para a alimentação humana e os ensaios de preparação de uma farinha sã, agradável ao gosto, podendo entrar na fabricação de biscoitos azoados ou na preparação de sopa de peixe, tem dado bons resultados em França, na Inglaterra e nos países escandinavos. Contudo, ainda se não chegou ao estado de exploração industrial.

A Imprensa da África do Sul faz actualmente uma grande propaganda dum processo que permite extrair do peixe uma farinha branca composta de 65 a 75 por cento de sais minerais apresentando, sob uma forma assimilável, vitaminas A e provavelmente também vitaminas B.

Adicionando somente 7,5 por cento desta farinha a outros produtos comestíveis, obtém-se alimentos de alto valor nutritivo. Um copo de leite e um biscoito, na composição dos quais entra esta mesma proporção de farinha branca de peixe, fornecem às criações um alimento completo.

Estes biscoitos, fabricados por uma fábrica montada no Cabo da Boa Esperança, vendem-se já no comércio na África do Sul, e não têm qualquer gosto a peixe. As análises de farinhas de peixe para a alimentação humana feitas pelo Dr. T. W. Osborn, da Universidade de Witwatersrand, mostraram que contém 74,8 % de proteínas e 12,5 % de cinzas, contendo estas últimas 0,08 % de iodo, cal a 4,9 % e fósforo P = 2,3 %.



Um nome a fixar...

«EX-L-ITE»
(marca registada)

Fôlha de Flandres da
REPUBLIC STEEL CORPORATION
NEW YORK — E. U. A.

Um producto que ainda não esquecer...

Os azeites de
PALLARÉS HERMANOS, S. A.
CABRA — ESPANHA

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:

F. NOBREGA DE LIMA, L.^{DA}
AVENIDA 24 DE JULHO, 1 LISBOA

O APETRECHAMENTO DA PESCA

Aumentou bastante nas últimas décadas — A pesca do bacalhau

Talvez pela estreiteza do território que ocupamos na Península, demais não sendo muito propícias as suas condições orográficas e meteorológicas, para uma agricultura francamente rendosa, desde muito cedo nos costumámos às lides do mar. Entre estas, avultaram sempre as actividades da pesca, fornecendo-nos alimento abundante e sadio, sobretudo quando escasseiam as produções do solo, de tão acidentadas alternativas de relativa abundância e penúria, e permitindo-nos, desde remotas épocas, o largo comércio que do pescado preparado fazíamos com quase todos os povos marginantes do norte marítimo. Se fomos decaindo nas rotas do mar alto, onde tivemos absoluta hegemonia comercial, estendendo-a às mais dilatadas regiões do globo, nunca, porém, se perdeu entre nós o sentido da utilidade que as nossas águas costeiras representam na vida nacional. Vimos já, num anterior artigo, o elevado número de famílias que em Portugal vivem das importantes indústrias da pesca e suas conservas, alimentando estas últimas uma exportação que, no último ano, se traduziu em cerca de 600.000 contos, um dos nossos maiores valores vendáveis, representando aproximadamente um quinto do total do que para o estrangeiro remetemos, e sem o que, repete-se aqui, a nossa balança mercantil teria ficado ainda mais desequilibrada. Junte-se o valiosíssimo concurso das pescas e conservas para a alimentação do povo português, sobretudo nos anos de fracas possibilidades na obtenção de carnes, como aqueles de que ainda não saímos, e aqui estarão fundamentados motivos para que tudo se faça em prol de actividades tão úteis e mesmo imprescindíveis à economia da Nação. Vejamos como aquelas evoluíram, desde as vésperas da primeira grande guerra, quando ainda os

povos não tinham entrado, tão abertamente, na luta de competências económicas e políticas, que levaram o mundo a nova tragédia, precisamente porque os homens responsáveis não puderam ou não souberam evita-la naqueles já tão recuados dias de nobres mas fugazes idealismos, como foram as semanas em que se delinearão os tratados de paz de 1919.

O número de embarcações e artes de pesca, totalizando em 1913, 11.580, passou, em 1927, para 14.348, subindo em 1945 para 15.834, com as arqueações respectivas de 48.430 toneladas, 61.300 e 68.390, afora 410 jangadas, naquele primeiro ano, e 504 no segundo. Se não é muito elevado o aumento numérico de unidades, abrangendo navios de maior ou menor porte, rebocadores, arrastões, lugres, traineiras, sacadas, sardinheiras, cercos, armações, etc., não falando em minúsculas embarcações de uso quase individual e outros também pequenos aparelhos de pesca, consideremos, no entanto, o maior rendimento e raio de acção que deu a tal material a introdução de motores mecânicos. Não vindo estes bem discriminados nas estatísticas anteriores, apuramos, em 1927, no total das embarcações, 417 com tal força motriz, deslocando já 23.577 toneladas, isto é, mais de um terço da arqueação geral, cifra que subiu, em 1945, para 817 unidades motorizadas, deslocando 51.664 toneladas, das 68.390 acima referidas, o que nos mostra subsistir a vela quase puramente na pesca estretamente costeira.

Também as estatísticas de 1913 e de 1927 não especificam bem os valores de todo o material que então era empregado, vindo eles computados em 5.204 contos, naquele primeiro ano, moeda que então poderemos considerar ouro, visto ser ao tempo insignificante o

ágio, sendo 2.688 o valor das embarcações e 2.516 o dos aparelhos e redes. Nos aparelhos figuravam 12 armações para a pesca do atum e similares, com o valor de 539 contos. As armações da sardinha, em número de 134, foram computadas, naquele referido ano de 1913, no valor de 1308 contos. Ora tais valores globais, em 1945, pois é fácil apurá-los com certa aproximação para o ano de 1927, foram declarados em 686.640 contos, moeda de então, correspondendo a 15.106 contos ouro, havendo assim quase triplicado neste período de trinta e dois anos, o que revela quanto as actividades piscatórias têm progredido em apetrechamento e consequentes melhorias técnicas.

Os pescadores, que em 1913 a estatística apurou em número de 43.613, entre os quais 3.031 menores, sobem em 1927, para 54.590, incluídos também 5.845 menores. Em 1945, a estatística apurou apenas 40.200 pescadores, certamente incluído o pessoal meramente tripulante das embarcações, figurando entre eles 4.187 menores. É bem de ver que esta diferença para menos, em relação aos anos anteriores, deverá fi-liar-se na circunstância de tais navios, mesmo alguns de menor calado, irem sendo mecanizados em ritmo progressivo. Ainda naquele último ano, do qual há elementos estatísticos, embora incompletos, consta haverem sido construídas 586 embarcações para a pesca com a deslocação total de 8.613 toneladas, sendo 584 de madeira e 2 de ferro. Daquele total, 538 são de propulsão à vela ou a remos, e os restantes 41 com propulsão mecânica, deslocando estes últimos 5.206 toneladas.

É verdade que, nesta mecanização, e mesmo no mais elevado porte dos navios, entra, em parte apreciável, a pesca do bacalhau e talvez a dos cetáceos. Em 1913 os navios bacalhoeiros, eram em número de 38, deslocando 7.265 toneladas, além de 1.199 canoas, aqueles e estas no valor de 570 contos, e mais 16 atribuídos ao valor dos aparelhos. Os tripulantes eram em número de

1.301, havendo então sido pescadas apenas 2.587 toneladas de bacalhau, no valor de 252 contos, de que foram aproveitadas 31 toneladas de óleo, calculadas no valor de 3 contos. Em 1927, já os bacalhoeiros foram em número de 45, deslocando 11.238 toneladas, com 1.614 canoas, tendo uns e outras o valor de 547 contos ouro, o que parece pouco, e havendo sido atribuídos 41 contos, em igual conversão, à aparelhagem própria para tal pesca. Esta subiu para 6.364 toneladas, no valor também equivalente a 1913, de 607 contos, e o óleo, na quantidade de 31 toneladas, por 6 contos, o que também parece pouquíssimo. O número de tripulantes, subiu para 1.637. Em 1945, devido ao impulso dos auxílios oficiais a tal actividade piscatória, contaram-se já 54 embarcações, boa parte motorizadas, com a deslocação global de 31.621 toneladas, sendo 12-315 dos arrastões com motor mecânico: as canoas eram em número de 2.174. Não indica a estatística o valor deste material, por certo havendo subido pelo menos na proporção do seu maior número e tonelagem. O valor do pescado, no montante de 28.849 toneladas, em verde, correspondendo a 20.139 de bacalhau seco, foi calculado em 4.100 contos, além de 281 toneladas de óleo, por 6 contos, também ouro.

Preferi ir convertendo em valores ouro as quantias já referidas, e outras que terci ocasião de citar, para podermos fazer uma comparação mais aproximada com os valores de 1913, visto que a grande desvalorização da moeda, depois deste último ano, poderia levar o leitor menos prevenido a conclusões de deficiente confronto. Veremos, também sucintamente, o que tem sido a pesca dos cetáceos, para depois nos ocuparmos da que fazemos na costa portuguesa e nas águas mais próximas do continente africano, que é aquela que maiores actividades ocupa e alimenta a nossa indústria conserveira, a par do muitíssimo com que contribui para sustento da nossa população, mesmo a

que vive longe do litoral. É que o gradual aumento e progressiva melhoria dos meios de transporte, permitem levar para o interior do país o peixe fresco, em melhores condições de imediato consumo, passando ele a entrar nas refeições cotidianas de quase todos os lares.

Aperfeiçoar tais serviços, criar e aumentar maiores centros urbanos postos regulares de venda, mas a preços mais acessíveis a todas as camadas sociais, porque o produto é por vezes excessivamente caro, talvez muito devido a numerosos intermediários, é o que se me afigura necessário e útil à indústria piscatória, pois no aumento do consumo interno, por enquanto de baixíssima capitação, o que é estranho, para um país de tão rica e extensa costa marítima, encontrará ela o estímulo para maior desenvolvimento. E digo em relação ao peixe fresco quer parecer-me que pode aplicar-se às conservas, também precioso alimento, devendo a indústria e o comércio respectivos fazerem o possível por o tornarem igualmente mais acessível ao consumidor português, neste incluído o que vive nas Colónias, muito maior mercado podendo ser, não só os nossos territórios ultramarinos como os vizinhos da África Ocidental. Sendo de prever uma gradual baixa de exportação das conservas para o estrangeiro, difundi-las muito mais internamente e alargar a sua colocação na África Equatorial francesa, no Congo Belga, na União Sul Africana e mesmo noutros territórios confinantes com Moçambique, poderá compensar as nossas magníficas produções, tanto mais importante e urgente me parecendo o problema, quanto o Congo e a União estão já procurando fomentar grandemente as indústrias da pesca e suas conservas.

Na última reunião da Assembleia Geral da Associação Industrial Portuguesa, para apreciação das contas de gerência de 1946, a que tive o prazer de assistir, o seu ilustre Presidente, sr. Dr. Cortez Pinto, entre as interessantíssimas e oportunas considerações que fez, acerca das necessidades de Portugal se prepa-

rar para este dificultoso após guerra, aludiu aos preparativos que se estão fazendo para irem brevemente a Angola qualificados representantes da nossa indústria de conservas de peixe, com o lauvável e também oportuno propósito de ali estudar as possibilidades da extensão de tais actividades metropolitanas às águas angolanas. Já o sr. Ministro das Colónias há tempo fez declarações no mesmo sentido, acrescentando que tal missão irá acompanhada de um técnico e grande autoridade em estudos de biologia marítima. Só há que nos congratularmos com tal realização, e desejar que ela não demore.

Se, na sessão a que acima aludo, a hora não fosse tão tardia, e eu não tivesse receio de importunar uma assembleia de técnicos das várias actividades fabris do país, teria reforçado as considerações do Presidente de tal agremiação e outras que gostosamente ouvi. É que estamos, efectivamente, no momento das grandes decisões, em matéria de desenvolvimento industrial. É imperioso que os nossos capitais, muito principalmente aqueles que já se encontram investidos nas indústrias metropolitanas, se afoitem até à valorização de incomensuráveis recursos de que dispomos nas Colónias o melhor e mais seguro mercado futuro, não só para colocação dos produtos aqui fabricados, cujo volume importa grandemente aumentarmos, bem maiores exportadores que devemos e precisamos ser, mas também, e fundamentalmente, para a industrialização ultramarina, onde quer que a matéria prima possa obter-se. É muita abunda, sobretudo em Angola e Moçambique, reque-rendo apenas iniciativa, decisão, inteligente orientação e pessoal subalterno qualificado. Fazemos corresponder à unidade política do Império, há tantos anos assim considerado todo o território nacional, um todo económico, embora a cada grande divisão do conjunto deva corresponder apenas aquilo de que é susceptível.

Domingos da Cruz



Mercados

AMÉRICA DO NORTE

Situação geral do mercado

Os últimos seis meses trouxeram tal desenvolvimento à situação geral do Mercado Americano, que só poderá ser explicado pelo modo como se apresenta a política e suas consequências psicológicas. Se bem que os salários em geral tenham aumentado, a maioria dos artigos de consumo baixou de preço devido a uma espécie de reserva por parte dos compradores. Os consumidores, que durante a guerra costumavam comprar qualquer artigo escasso na medida das possibilidades, caíram num outro extremo: actualmente só compram os artigos que é possível encontrar em quantidade suficiente, mas apenas para cobrir as necessidades diárias.

Devido a esse fenómeno todo o ramo de comestíveis sofreu, e o de conservas tomou uma posição especial. Tem-se a impressão que a população ficou saturada com o consumo de conservas no tempo da guerra e agora prefere os alimentos frescos, como a carne, o queijo, etc.

Conservas de peixe americanas

Naturalmente, o peixe enlatado ficou muito afectado. No comércio de venda por atacado, uma unidade de sardinhas do Maine, preparada em azeite de oliveira, foi vendida no outono do ano passado por \$18.00, baixando agora para \$15.00; o salmão, quase que escasso no mercado legítimo, baixou de \$14.00 para \$10.00; «Crabmeat», de \$36.00 para \$21.00; lagosta, de \$37.00 para \$20.00 e hoje

novamente de \$24.00 para \$26.00. Exceptuados desta evolução estão somente alguns artigos especiais, não porque tenham preferência, mas por ainda estarem escassos.

Conservas de peixe importadas

No que se refere às conservas de peixe importadas, a situação não é tão uniforme. As sardinhas espanholas, por exemplo, que costumavam ser cotadas ao mesmo nível das portuguesas, estão agora muito inferiorizadas. A razão foi a péssima qualidade das remessas de algumas firmas fabricantes do Mediterrâneo, que no ano passado mandaram a mercadoria por conta do contingente espanhol.

Os «silds» e os «brislings» noruegueses estão firmes no mesmo preço que começaram há um ano atrás, se bem que sejam preparados em óleo de arenque, em vez de óleo vegetal. A importação total de peixe Norueguês está muito mais baixa do que antes da guerra, e até agora a procura tem sido maior do que a oferta. É bem visível que o consumidor ainda é influenciado pela propaganda Norueguesa de anteguerra. Durante o últimos seis meses foram importados alguns lotes de sardinhas Dinamarquesas, sendo difícil descobrir qualquer diferença de qualidade entre as duas espécies. Mas, de qualquer maneira, os distribuidores tiveram que reduzir o seu preço de 20% e mesmo assim tiveram dificuldade em colocá-las.

Um outro artigo comparativamente novo no mercado de conservas de peixe daqui são as sardinhas da Venezuela. O peixe lembra um pouco o tipo que é pescado no Brasil, mas é mais cuidadosamente preparado, e temos visto alguns lotes

realmente saborosos e enlatados com muito gosto e limpeza. A mercadoria é produzida em 1/4 us. 22 mm. somente no tipo corrente — o que significa «com pele e espinha» — em óleo de amendoim e também em tomate. Essas sardinhas Venezuelanas que há dois anos atrás se vendiam entre \$17.00 e \$18.00 a caixa, com direitos pagos, hoje em dia são difíceis de vender a \$14.00. Para a sardinha Venezuelana de melhor qualidade é pedido o mesmo preço do «Sild» Norueguês.

Portugal — Sardinhas

Analisar a situação da Sardinha Portuguesa e a sua posição no Mercado Americano actual — confessamos francamente — é muito mais difícil do que se possa calcular em Portugal. Não há dúvida que a situação geral e a queda de todos os artigos influíram muito, e somos de opinião que a extraordinária fraqueza aqui observada não pode ter todas as suas razões nessa tendência geral. Achamos que um sem número de ocorrências e circunstâncias coincidiram para abalar profundamente a situação da Sardinha Portuguesa.

A importação durante os últimos dois anos foi feita sob o Contrato Colectivo controlado pelo I. P. C. P. Sendo assim, a nossa análise tem que girar em torno das consequências desse contrato, pois a mercadoria que ainda domina no mercado veio por intermédio dele. Gostaríamos de frisar que os nossos comentários não são, nem devem ser, considerados como uma crítica ao dito contrato, mas queremos relatar as nossas observações sobre a actual situação do mercado, procurando os motivos para esse desenvolvimento.

Algumas das circunstâncias que podemos garantir como certas, são as seguintes:

1) O já mencionado movimento de queda e a saturação dos consumidores de conservas de peixe.

2) O factor tempo: as entregas do contrato ficaram concentradas

durante 3 meses, enquanto que a importação normal durante os anos anteriores, se bem que em menor quantidade, era distribuída por 12 meses.

3) A comparativamente grande quantidade de sardinhas «sem pele e sem espinha» remetidas pelo Contrato Colectivo. Nos anos normais, quantidades como 60.000 ou 70.000 caixas de «sem pele e sem espinha», eram consideradas como máximas. Sob o Contrato Colectivo quase que foram exportadas 200 mil caixas.

4) A economia regulamentada e o controle de preços trouxeram algumas reacções bem singulares por parte dos compradores, as quais podem ser baseadas em razões psicológicas. Convencido de que a mercadoria sob controle de preços era pechincha, o consumidor comprou-a sem discriminação. Quando o controle foi suspenso, e se viu ser possível obter a mercadoria pelo mesmo preço ou ainda por menos, o interesse do comprador diminuiu, pois não havia sinal de escassez.

Mas, aconteceu que os preços ainda estavam sob controle quando o Contrato Colectivo foi negociado. Naquele tempo, todos os que tinham alguma possibilidade, por menor que fosse, tentavam obter licença de importação para a maior quantidade possível de conservas Portuguesas. Sabemos de licenças dadas a pessoas que já estavam há 3 ou 4 anos em outro ramo de negócios e que obtiveram autorizações para centenas de caixas, somente porque tinham importado sardinhas Portuguesas durante os anos considerados para rateio.

Quando chegou a época da entrega da mercadoria sob aquele contrato, o controle de preços deixou de vigorar. Desapareceu então o estímulo do mercado controlado e toda a cadeia que ia do consumidor para o importador ficou quebrada.

5) No lado Português, o interesse do importador Americano para com a sua própria marca não foi devidamente considerado. Para o im-

portador que tudo faz para vender a mercadoria quando se trata de sua própria marca, somente a ideia do lucro é convincente e decisiva quando importa mercadoria sob a marca de outrem. Em ligação com a questão da marca deve ser mencionado o mau resultado que produziu, de um lado, as entregas de várias marcas a um cliente e, de outro lado, a distribuição de uma só marca a vários clientes.

O principal motivo pelo qual o importador deseja mercadoria na própria marca é de ter a certeza de que nenhum outro importador a poderá vender por menos.

Esse ponto de competição era bem conhecido dos fabricantes e de seus agentes daqui, e nos tempos normais, se eles queriam bons resultados, tomavam muito cuidado com a política da distribuição de vendas e cuidavam diligentemente que os seus clientes não ficassem expostos a uma competição injusta.

A distribuição do Contrato Colectivo, que se iniciou com a permissão de que todas as Sardinhas Portuguesas eram iguais em qualidade, naturalmente não podia tomar conta de tal detalhe. O resultado foi que a pior das competições começou aqui, assim que foi abolido o controle de preços.

6) Uma grande parte da mercadoria do Contrato Colectivo foi entregue a importadores que não eram distribuidores. A característica dos importadores é que eles fazem principalmente o financiamento dos negócios e vendem a sua mercadoria a pequenos distribuidores que não importam directamente. Nestas condições, o importador tinha o seu lucro assegurado, e foi o pequeno distribuidor que ficou com a maior parte da mercadoria quando o controle de preços terminou. Ele, que tinha pago um lucro considerável ao importador, agora de posse da mercadoria estava numa situação difícil. O mercado baixou e teve que dar-se por satisfeito em ficar livre da mercadoria com um prejuízo que naquela altura subiu a \$5.00 por caixa.

A situação piorou quando uma das maiores cadeias de armazéns começou a vender sardinha Portuguesa a retalho, a 27 c. por lata (\$27.00 a caixa), cerca de \$2.00 a menos do que o distribuidor tinha pago. Actualmente os negociantes que ainda não venderam a sua mercadoria estão compelidos a aceitar prejuízos de \$8.00 por caixa.

7) Quanto à qualidade da mercadoria, nunca houve reclamação digna de menção quando se fez a importação através do Contrato Colectivo. Por aquele tempo o comércio ainda pensava ter um mercado bom devido ao controle de preços. Hoje, naturalmente, tudo está diferente. Os poucos importadores que ainda estão interessados nas Sardinhas Portuguesas, acentuam mais do que nunca a importância de uma boa qualidade e são sempre muito cuidadosos quando seleccionam os seus fabricantes.

Leopold M. Schwarz

(Continua)

Pedidos de representação

— Dunlop Brothers & Co. — 153,

Fenchurch Street, London E. C. 3.

— G. Marynissen — 19, Rue de la Tulipe, Ixelles (Bélgica).

— Général Merchandise — 104, Avenue du Cimetière, Malines (Bélgica).

— André Cope — 1, Rue Brulée

— Reims.

— U. U. Fontaine — Heurnestraat-Eine (Bélgica).

— E. G. Cornelius.

— Société Commerciale M. Van Tuyn, S. P. R. L. — 47, 49 Rue

— Société Bisschops — Verachter — 25, Rue des Pèlerins — Anvers. Coeberger — Anvers.

— Eloy Neves — S. Nicolau — Cabo Verde (Interessado na venda de atum em salmoura e em fazer acordo para o fabrico de atum em azeite).

— C. Begani — 9, Worth Street — New York.

— Morris E. Dell'Oglio — P. O. 8. 1004 — Johannesburgo.

COOPERAÇÃO CONSTRUTIVA

A Companhia Portuguesa de Siderurgia, é possuidora de uma licença para produzir a folha de Flandres, a partir de sucatas, e atingir ou exceder 30 mil toneladas.

Lendo «Linha de Rumo» do illustre engenheiro J. N. Ferreira Dias Jr., autor, quando Ministro, de interessantes projectos para as indústrias básicas e de reorganização industrial, com amplos horizontes, podemos concluir que, no que respeita a esta empresa, se pensa que ela venha a ser o núcleo da futura Siderurgia portuguesa, acumulando em suas instalações, próximas ou futuras, todos aqueles possíveis produtos que lhe são afins e têm o ferro como base.

A volta desta empresa e dos seus projectos, houve críticos para todos os gostos: desde os que afirmaram não acreditarem na indústria, os que maldiziam de tudo o que se pretendia fazer, até aos que nada lhes importa do que seja novo, esquecendo-se de que certas actividades não podem descuidar-se se pretendemos que exista o melhor equilíbrio na vida dos povos.

Se esta empresa estivesse já em laboração, veríamos como a folha estrangeira, — matéria prima hoje tão preciosa — teria actualmente, preços mais compatíveis.

Está bem provado, por indústrias portuguesas e estrangeiras, que o possuir ou não matérias primas não pode ser motivo da inexistência de indústrias básicas, pois estas pretendem corrigir, moderadamente, o desequilíbrio da actividade económica e aumentar a riqueza nacional, que é aumentar a capacidade de consumo.

As fábricas de enorme produção que os outros países possuem — argumento que os detractores apresentam como fundamento contra a formação desta empresa —, não podem ser razão suficiente para que se abandone a ideia que informou a criação da aludida Siderurgia,

Pequena reportagem

pois o preço de custo do produto elaborado não desce indefinidamente quando as fábricas são maiores. Embora de capacidade mais modesta, a Siderurgia terá os seus produtos acessíveis desde que encontre o seu limite justo de produção e, sobretudo, se o consumo interno nos der cifras consoladoras de absorção.

Criadas já, umas, e em criação outras indústrias hidro-eléctricas, cuja expansão corresponde ao nosso século, o desenvolvimento das indústrias que empreguem essa força ir-se-á manifestando progressivamente como novos elementos de economia e de riqueza.

A folha de Flandres é um dos artigos que a Siderurgia vai produzir, e se a ela dedicamos a nossa principal atenção, é porque se trata de um artigo cujo consumo, indiscutivelmente, é uma das matérias primas indispensáveis à nossa indústria de conservas, devendo ter-se em conta que essa empresa produzirá, também, lingotes de ferro, laminados, fios e outros produtos subsidiários, para alargar os horizontes de trabalho, sendo as suas principais fontes de matérias primas, nacionais, na sua maior parte.



Fomos, há dias, visitar as obras em curso, e observámos que as terraplanagens e drenagens se encontram quase terminadas, com uma superfície de mais de meio milhão de metros quadrados, podendo ver-se já a construção simultânea de alguns edifícios que nós julgamos serem destinados à produção de folha de Flandres.

Ocupam estes terrenos um lugar próximo da estação de caminho de ferro de Leça do Bailio. Não muito longe, ergue-se o famoso mosteiro daquele nome, primitiva sede dos Hospitaleiros de S. João de Jerusalém, em Portugal, onde se pode admirar uma formosíssima pia baptismal.

As novas fábricas estão sendo construídas num local que permitirá que um pequeno ramal se desvie até ali, facilitando o transporte, para todos os pontos do país, dos seus produtos tão ansiosamente aguardados.

A escolha dos terrenos foi de feliz inspiração. São pouquíssimos os quilómetros que separam o importante centro conserveiro de Matosinhos, do local das instalações siderúrgicas a que nos vimos referindo.

A entrada principal da fábrica, — entrada já em construção adiantada —, dá para uma boa estrada, o que, significa que se previu, acertadamente, o bom serviço dos transportes, quer por caminho de ferro, quer por camionagem.

A quando da constituição desta sociedade, julgou-se, nos primeiros tempos, que seria possível a rápida montagem, pelo menos, da secção de estanhagem de folha. As vicissitudes, porém, por que passou a França, de onde nos viriam os técnicos e respectivas máquinas, impediram que a rapidez constituísse o factor predominante, e assim a indústria de conservas ainda está hoje, para o abastecimento da folha, sujeita aos intermediários americanos que continuam a pretender preços de fantasia.

Como estamos longe da normalidade, é natural que faltem ao fornecedor do material fabril muitos elementos para cumprimento cabal do seu contrato, o que é também causa do atraso de actividade em que se encontra a que virá a ser a Companhia Portuguesa de Siderurgia.

O seu capital de 50 mil contos tem, sem dúvida, carácter inicial, pois que, se verificarmos os projectos da empresa e o que o Estado exige que ela represente na futura economia nacional, dentro da sua função completa de metalurgia, temos que reconhecer que deverá ser notavelmente aumentado.

A nossa pergunta, foi: Quando disporemos de folha portuguesa para a indústria de conservas?

Jos A. Mora



LA ROSE

CONSERVAS DE PEIXE

SARDINHAS — ATUM — FILETES DE
CAVALA — FILETES DE ANCHOVAS

FEU HERMANOS

RESP. LIM.

PORTIMÃO — ALGARVE



FUNDADA EM 1920



MARCA REGISTRADA

II CONGRESSO NACIONAL DE PESCA

O II Congresso Nacional de Pesca, reunido em Lisboa, de 30 de Junho a 7 de Julho último, apresentou ao Governo, entre outros, os seguintes votos que mais directamente interessam à indústria de conserva de peixe:

ACERCA DA PESCA EM GERAL

1) Solicita a atenção do Governo para a conveniência de estimular, por via de métodos e processos



científicos e tecnológicos, o progresso das indústrias de pesca e conexas no nosso país, pela criação de um organismo especial ao qual fosse cometida tal missão na mais estreita ligação com as mesmas indústrias e aproveitando todos os serviços já existentes.

Lembra a conveniência de, na medida do possível, se completar a Organização Corporativa de molde a abranger todos os ramos da actividade piscatória e conserveira, na parte que legalmente lhe compete.

ACERCA DA PESCA DA SARDINHA

1) Recomenda ao Grémio dos Armadores da Pesca da Sardinha que tome a iniciativa de promover o estudo das causas que porvoca a escassez da sardinha na costa portuguesa, participando nos trabalhos necessários, quer por intermédio de comissão própria a criar, quer, preferivelmente, aproveitando as instituições já existentes, tais

como a Comissão Central de Pescarias e Estação de Biologia Marítima, às quais facilitaria os meios necessários para uma boa intensificação dos estudos respectivos.

2) Entende que se deve admitir a possibilidade de vir a ser necessário adoptar um limite máximo temporada anual, em condições estudar quando fôr oportuno.

3) Solicita que se estabeleça entre a organização da indústria da pesca de sardinha e a da indústria das conservas uma íntima ligação,

em ordem a assegurar um justo equilíbrio entre os interesses das duas indústrias e uma política de esforços convergentes para o progresso de ambas.

4) Entende que se deve procurar fomentar, quanto possível, a indústria da conserva pelo sal e pelo frio, e o consumo da salga e da sardinha frigorificada no País, assim como a da conserva em molhos.

ACERCA DA PESCA DOS MOLUSCOS E CRUSTÁCEOS

1) Recomenda o estudo da Organização Corporativa da produção e comércio dos moluscos marinhos.

2) Solicita do Governo a obtenção do reconhecimento internacional do certificado português de higienização das ostras.

ACERCA DOS PORTOS; DAS VIAS DE COMUNICAÇÃO, DOS MEIOS DE TRANSPORTE E CONSERVAÇÃO E DA DISTRIBUIÇÃO DO PESCADO

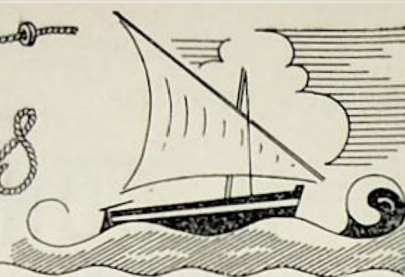
1) Solicita que os estudos de planificação da rede nacional do frio mandados fazer pelo Governo, sejam urgentemente levados a bom termo e tornados públicos oportunamente; e que a realização da cadeia do frio alimentar, seja cometida a uma instituição especial, autónoma e responsável, com carácter de um serviço público nacional, na mais lata aceção destes termos.

ACERCA DO REGIME FISCAL E ADUANEIRO

1) Solicita a redução da carga tributária imposta à indústria da pesca pelo Estado e pelas Câmaras Municipais com bases no estudo cometido a uma comissão delegada da 1.ª Secção do Congresso.

2) Reconhece a necessidade de alterar a taxa aduaneira que incide sobre o peixe fresco e com sal importado, no sentido de este não ficar favorecido em relação ao pescado nacional.

Outras Pescas



(Abril, Maio e Junho)

Centros de pesca	Carapau		Biqueirão	
	Quilos	Escudos	Quilos	Escudos
Afurada.....	1.056	2.148\$00	-	-
Nazaré.....	12.640	40.028\$00	-	-
Peniche.....	204.336	666.433\$50	-	-
Cascais.....	72.647	306.702.50	110	425\$00
Ribeira Nova.....	166.005	209.965\$00	12.825	59.690\$00
Bom Sucesso.....	9.960	10.847\$00	-	-
Setúbal.....	4.970	14.480\$00	280	630\$00
Sesimbra.....	450.855	1.785.930\$00	15.795	82.017\$00
Sines.....	9.352	39.721\$00	-	-
Lagos.....	9.380	50.478\$00	18.660	108.200\$00
Portimão.....	16.520	83.680\$00	490.920	2.426.580\$00
Armação de Pêra.....	1.200	470\$00	-	-
Albufeira.....	4.830	13.501\$50	1.520	4.240\$00
Quarteira.....	7.385	12.629\$00	510	1.734\$00
Olhão.....	6.015	29.690\$00	2.867.580	12.987.449\$00
Vila Real de Santo António.....	-	-	1.185.556	5.469.594\$00
Total.....	977.151	3.266.703\$50	4.593.556	21.140.559\$00

Steinhardter & Nordlinger

FIRMA EXPORTADORA

105, Hudson Street
New-York City, U. S. A.

Exportadores de todos os materiais necessários para o fabrico de Conservas de Peixe

Folha

Arame para precintar

Fita de aço para precintar

Maquinaria para vazio

Arame para chaves

Verziz para latas

Arco de ferro

Geradores

Cabo de aço

Guinchos e monta cargas

Motores Diesels

Arame queimado

ENTREGAMOS O QUE VENDEMOS

Endereço Telegráfico: NORDSTEIN — NEW-YORK



Lotas	Destino	PÊSO			VALOR		
		Percent. %	Pêso em quilos	Total	Percent. %	Escudos	Total
Leixões	Môlhos	2,96	15.682		2,83	47.039\$00	
	Consumo	97,04	514.102	529.784	97,17	1.615.741\$00	1.662.780\$00
Porto	Môlhos	11,86	2.860		10,40	9.295\$00	
	Consumo	82,14	21.260	24.120	89,60	80.098\$00	89.393\$00
Figueira da Foz	Consumo	-	66.510	66.510	-	289.368\$00	289.368\$00
Peniche	Môlhos	4,38	21.790		3,21	54.458\$00	
	Consumo	95,62	475.350	497.140	96,79	1.639.574\$50	1.694.032\$50
Lisboa	Môlhos	10,75	58.875		10,71	220.425\$00	
	Consumo	89,25	488.891	547.766	89,29	1.838.545\$00	2.058.970\$00
Setúbal	Môlhos	77,74	223.300		76,30	836.318\$00	
	Consumo	22,26	63.945	287.245	23,70	259.837\$00	1.096.155\$00
Sesimbra	Consumo	-	16.650	16.650	-	38.034\$00	38.034\$00
Sines	Consumo	-	129.924	129.924	-	454.452\$00	454.452\$00
Lagos	Môlhos	72,66	60.550		81,59	279.820\$00	
	Consumo	27,34	22.785	83.335	18,41	63.120\$00	342.940\$00
Portimão	Môlhos	59,95	700.980		76,28	2.901.520\$00	
	Consumo	40,05	468.285	1.169.265	33,72	1.476.171\$00	4.377.691\$00
Olhão	Môlhos	56,61	254.625		62,43	898.380\$00	
	Salmouras	0,78	3.500		0,51	7.300\$00	
V. R. S. ^{to} António	Consumo	42,61	191.660	449.785	35,06	533.418\$00	1.439.098\$00
	Môlhos	43,80	5.810		46,04	18.725\$00	
	Consumo	56,20	7.455	13.265	53,96	21.943\$00	40.668\$00
				3.814.789			13.583.581\$30

Pesca de Atum e Similares e Cavala, de Abril a Junho

LOCAIS	ATUM		ATUARRO		ALBACORA		BONITO-SARRAJÃO		CACHORRETA		CAVALA	
	Quilos	Escudos	Quilos	Escudos	Quilos	Escudos	Quilos	Escudos	Quil.	Escudos	Quilos	Escudos
Nazaré	-	-	-	-	-	-	9.000	42.000\$	-	-	-	-
Peniche	-	-	-	-	-	-	41.900	241.500\$	-	-	33.500	160.500\$
Lisboa	-	-	-	-	-	-	3.300	33.100\$	-	-	1.600	8.100\$
Sesimbra	-	-	-	-	-	-	4.000	25.800\$	-	-	2.100	11.000\$
Sines	-	-	-	-	-	-	4.500	22.300\$	-	-	4.400	22.100\$
Albufeira	-	-	-	-	4.000	21.900\$	200	1.300\$	-	-	500	2.300\$
Tavira	37.400	264.900\$	20.600	153.800\$	11.100	76.100\$	600	3.300\$	1.900	10.300\$	1.000	3.800\$
Setúbal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	11.100	55.300\$
Olhão	900	7.000\$	700	5.900\$	600	4.600\$	-	-	100	500\$	3.300	29.500\$
Faro	3.100	18.400\$	1.000	7.600\$	700	6.300\$	-	-	-	-	800	6.000\$
Portimão	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	200	800\$
Cascais	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100	500\$
Quarteira	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100	400\$
V. R. S. ^{to} António	343.800	1.914.400\$	146.700	770.500\$	66.600	502.200\$	-	-	4.500	42.200\$	-	-
TOTAL	385.200	2.204.700\$	169.000	937.800\$	83.000	611.100\$	63.500	369.300\$	6.500	53.000\$	58.700	300.300\$

Marcas Registradas:
PALACIO DE ORIENTE, || ALBATROS,
ANTONIO ALONSO, HIJOS, || LA CORRIDA,
LION D' ARGENT



CONSERVAS ANTONIO ALONSO LIMITADA
 SETÚBAL (PORTUGAL)

TELEFONE 157
 SETÚBAL { TELEGRAMAS SANTONIO
 APARTADO 62

FABRICA em SETÚBAL --- FABRICAS em ESPANHA



H. ORMAI

AGENTE DE FABRICANTES

CONSERVAS DE PEIXE

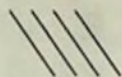
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: ORMAI

100 HUDSON STREET-NEW-YORK CITY

Schroeder Bros Inc.

AGENTES DE FABRICANTES — DISTRIBUIDORES

Sardinhas — Atum — Filetes de Anchovas



Azeite de Oliveira — Frutos secos — Especialidades

AGENTES EXCLUSIVOS NOS ESTADOS UNIDOS
DAS PRINCIPAIS CASAS EUROPEIAS DESDE 1913

10 Beach Street NEW-YORK, N. Y. End. teleg. "Frader"

The Norport Company, Inc.

99, Hudson Street ~ New York, N. Y.

ENDEREÇO TELEGRÁFICO:
P O R T N O R C O M



Importadores de Con-
servas de Peixe de
Portugal e Colónias

A nossa organização de Vendas
cobre todos os Estados Unidos

MARIE ELISABETH

A MARCA AFAMADA DAS CONSERVAS
DE SARDINHAS PORTUGUESAS
EM AZEITE E TOMATE
COM ESPINHA
SEM ESPINHA
SEM PELE E SEM ESPINHA
E DE FILETES DE ANCHOVAS
QUALIDADE EXCELENTE

JÚDICE FLALHO & C.^A
FARO

José Correia Pontes, L.^{da}

... fabricantes de conservas de peixe
... em azeite e em salmoira

Tele { gramas: Cerinhas — Olhão
... { tone: 174

Códigos { A. B. C. 5.^a Ed.
... { Bentley's
... { Privés

Olhão - Portugal

Sociedade de Conservas
ATLAS, L.^{DA}

Fabricantes-Export. de Conservas de Peixe
SETÚBAL-PORTUGAL

MARCAS:

LION DE L'ATLAS
VERONIQUE

EVA
SCAL
LA SEMEUSE PORTUGAISE

Enderêço Telegráfico — "Atlas"
Telephone 349 Bentley's Code

ARTHUR SCHUMAN Inc.

100 Hudson Street
U. S. A.
Agentes de Fabricantes

ENDEREÇO TELEGRÁFICO
ARTSCHUMAN

33 anos de experiencia
no comércio de importação
de conservas de peixe

PEDEM-SE REPRESENTAÇÕES
DE FABRICANTES

Fábricas de Conservas e Salazones Pinhais & C.^a L.^{da}

Conservas de Alum. Sardinhas, Cavala, Chi-
charro, Anchova — Pastas de Peixe — Mariscos

TODAS AS PREPARAÇÕES

Sardinhas prensadas e em salmoira

Marcas :

PINHAIS-MASCATO RIOS-SEMPER IDEM-
MARINHEIRO - SAILOR - EDUSA - CIBELES
YO e CISNE

Avenida Meneses, 700 Teleg. «Conservas»
MATOSINHOS Telefone 42-M

Lopes da Cruz & C.^a, L.^{da}

Rua Brito e Cunha N.º 513 a 541

MATOSINHOS — PORTUGAL



O LEÃO IMPÕE-SE PELA FORÇA...
COMO AS CONSERVAS
LOPES DA CRUZ & C. L.
PELA QUALIDADE

Com Fábricas em :

Matosinhos
•
Vila do Conde

BREWSTER TRADING CORPORATION

99 HUDSON ST.

NEW YORK, 13

ENDEREÇO TELEGRÁFICO
DOGHORSE

ORGANIZADA EM 1941

EXPORTADORES E IMPORTADORES

EXPORTAÇÃO: Redes para Pesca, Folha de Flandres, Arame para Chaves, Maquinaria para a Indústria de Pesca, Produtos Químicos, etc.

IMPORTAÇÃO: Produtos Portugueses.

ESTABELECIDADA EM 1882

Strohmeyer & Arpe Company

IMPORTADORES
Distribuindo através de todos os
ESTADOS UNIDOS

139-141 FRANKLIN STREET
NEW-YORK, N. Y.
Endereço telegráfico: "Ryrabate"



J. B. Cardoso, L^{da}

Calçada de Santo Amaro, 3 - LISBOA

OS MAIS ANTIGOS FABRICANTES EM PORTUGAL

DE

CHAVES — GRELHAS — PREGOS

AGENTES DEPOSITARIOS

MATOSINHOS

Afonso Barbosa & C.^a, L.^{da}

R. de Brito Capelo, 1023

SETÚBAL

Setúbal Factories Agency, L.^{da}

Av. Luiza Todi, 277

ALGARVE

Feliciano Anjos Pereira

OLHÃO

BIEN TRADING COMPANY INC.

IMPORTADORES

DISTRIBUIDORES

SARDINHAS

FILETES DE ANCHOVAS

A T U M

ENDERÊÇO TELEGRÁFICO: BIENCODAR

NEW-YORK, 13, N. Y.

105 HUDSON STREET

STEINHARDTER & NORDLINGER

Os Agentes mais antigos nos E.U.A. para as
CONSERVAS PORTUGUESAS DE PEIXE

ESTABELECIDOS EM 1908

Escritórios principais em:

105, Hudson Street
New York City, N. Y.

112 Market Street
San Francisco, California

Conservas Silvas, Limitada e Silvas, Coelhos, Limitada FABRICANTES-EXPORTADORES

Conservas de:

Sardinha-Alum-Cavala-Anchôvas e outras espécies, em todos os molhos e formatos

5 MARCAS REGISTRADAS:

LUMIÉRE — ARRABIDE — CONSERVAS SILVAS — SILVAS, COELHOS — LATINE

2 FÁBRICAS EM SETÚBAL

«LATINA» E «UNIDA»

Sede:

Prça da Republica, 12
SETÚBAL-PORTUGAL

Código:

Bentley's

Tele | gramas-Latina
| fones - 82 e 143



ORGANIZAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO DAS CONSERVAS DE PEIXE

Criada pelas decretos-leis N.ºs 26.775, 26.776 e 26.777 de 10 de Julho de 1936

ORGANISMO DE COORDENAÇÃO ECONÓMICA

INSTITUTO PORTUGUÊS DE CONSERVAS DE PEIXE

(I. P. C. P.)

Director: C.º Daniel Duarte Silva

Director adjunto: Eng.º António Pinheiro de Magalhães Júnior

Delegado do Governo junto dos Grémios: Dr. Pedro Chaves Ferreira

ORGANISMOS CORPORATIVOS

GRÉMIOS DOS INDUSTRIAIS

DO NORTE

José António Ferreira Barbosa
António V. Forbes de Bessa
Narciso José Barroso

Sub-delegado do Governo no Norte
Dr. Raul Sieuve de Seguíer Pereira

De Sotavento do Algarve

José Amandio Guerreiro Correia
João de Brito Folque
José Correia Pontes

Sub-delegado do Governo no Sul
Dr. Fernando de Mendonça

DO CENTRO

Alfredo Augusto de Almeida
Manuel Pereira da Cruz
Filipe Nazareth Fernandes

DE SETÚBAL

Dr. Francisco Perienes
Diniz Lopes David
José Narciso Ferreira de Freitas

De Barlavento do Algarve

José Mendes Furlado
João Francisco Leote
António da Silva Freitas

GRÉMIO DOS EXPORTADORES

Josino da Costa
Faustino Tavares Figueira
João Veiga Henriques



*As sardinhas por-
tuguesas de conserva
são deliciosas e cons-
tituem um poderoso
alimento.*

